UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO

Adilson Aparecido Spim

A CRIAÇÃO DO GRUPO ESCOLAR "SENADOR VERGUEIRO" (1919) E A ESCOLARIZAÇÃO DOS FILHOS DOS OPERÁRIOS EM SOROCABA

Sorocaba/SP
2014

Ficha catalográfica

Spim, Adilson Aparecido.

S738c A criação do Grupo Escolar “Senador Vergueiro” (1919) e a escolarização dos filhos dos operários em Sorocaba / Adilson Aparecido Spim. -- 2014.

80 f. : il.

Orientadora: Profª. Drª. Jane Soares de Almeida

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2014.

1. Educação – Sorocaba (SP) – História. 2. Instituições escolares

Adilson Aparecido Spim

A CRIAÇÃO DO GRUPO ESCOLAR “SENADOR VERGUEIRO” (1919) E A ESCOLARIZAÇÃO DOS FILHOS DOS OPERÁRIOS EM SOROCABA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História e Historiografia da Educação.

Orientadora: Profª. Drª. Jane Soares de Almeida.

Sorocaba/SP
2014

Adilson Aparecido Spim

A CRIAÇÃO DO GRUPO ESCOLAR "SENADOR VERGUEIRO" (1919) E A ESCOLARIZAÇÃO DOS FILHOS DOS OPERÁRIOS EM SOROCABA

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: 25/ 08/ 2014.

BANCA EXAMINADORA:

_____

Profª. Drª. Jane Soares de Almeida
Universidade de Sorocaba

_____

Profª. Drª. Vânia Regina Boschetti
Universidade de Sorocaba

_____

Prof. Dr. Rogério Lopes Pinheiro de Carvalho
Universidade de Sorocaba

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha esposa Sara Spim e ao meu filho Níkolas Spim, que compreenderam meus momentos de ausência, souberam respeitar e desta forma colaboraram direta e indiretamente para o resultado deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Todo início é desafiador, porém mais desafiador e que nos causa mais temores é quando esse início é solitário; portanto ao concluir este trabalho, jamais poderia deixar de agradecer aqueles que de alguma forma colaboraram para que ele acontecesse.

Agradeço primeiramente à Deus, pela sua eterna misericórdia e justiça divina.

À minha esposa Sara Spim fiel companheira e ao meu filho Níkolas Spim pelos momentos de amizade e compreensão.

Meus pais Luiz Spim Hernandes (*in memoriam*) e Carmen Ervilha Spim que incutiram em minha educação a ética e a responsabilidade.

À minha irmã Carmen Lúcia Spim que mesmo em um momento em que a doença tentava minar suas forças, foi uma guerreira e colaborou com minha pesquisa, que Deus a abençoe!

Minha orientadora Profª Drª Jane Soares de Almeida pela paciência e dedicação na condução de meu trabalho de pesquisa.

O Prof. Dr. Rogério Lopes Pinheiro de Carvalho por me presentear com suas obras 'O Operario Edição Fac-similar' e 'Fisionomia da Cidade: Cotidiano e transformações urbanas 1890-1943', obras que muito contribuíram para a composição deste trabalho.

Ao corpo docente do curso de mestrado da Universidade de Sorocaba, que de alguma forma me incentivou e colaborou com meu trabalho.

Agradeço também à diretoria da escola estadual "Senador Vergueiro" que de maneira educada e profissional me recebeu em suas dependências e abriu o arquivo da escola e assim colaborou e muito.

À todos meu muito obrigado!

O significado das coisas não está nas coisas em si, mas sim na nossa atitude com relação a elas.

(Antoine de Saint-Exupéry)

RESUMO

Por três séculos Sorocaba abrigou a Feira de Muares, onde tropeiros vindos do sul a caminho das Minas Gerais, faziam da cidade seu ponto de descanso e de negócios. Dessa forma, a cidade prosperou e muitos fizeram fortunas. Com o fim das feiras, o dinheiro acumulado nos negócios das mulas foi aplicado na construção de fábricas, comércios e indústrias, colocando novamente a cidade em destaque nacional, ganhando o apelido de “Manchester Paulista”. Com a abertura de novas fábricas exigindo um grande contingente de mão de obra operária, chegaram imigrantes de diversas nacionalidades, fixando-se em diversos pontos da cidade, principalmente no bairro Além Ponte. Provenientes do Velho Continente, os espanhóis fundaram sua colônia espanhola na cidade de Sorocaba. Os espanhóis fizeram parte da história do movimento operário sorocabano. Seu ingresso nas fábricas inicialmente foi a contra gosto, visto que a maioria desejava trabalhar na lavoura. Os imigrantes viram-se obrigados a compor a grande massa de trabalhadores, principalmente nas fábricas de tecidos. A luta pela sobrevivência fez com que os filhos dos operários adentrassem as fábricas, compondo o parco orçamento doméstico e gerando um problema social: o analfabetismo, que desafiava ao ideário Republicano. O sonho da República esbarrava exatamente no dilema da instrução e educação; como solucionar isso foi o ponto de partida para que o movimento operário lutasse pela redução da jornada de trabalho, para que os pequenos proletários frequentassem as salas de aula da Escola Moderna, local onde o ensino racional, com base na filosofia anarquista era disseminado. Os governantes responsáveis pela Educação, preocupados com o avanço dos ensinamentos anarquistas procuraram meios para colocar esses menores operários nos bancos escolares das escolas públicas. Tornaram o ensino obrigatório, ao menos para as crianças até os 12 anos; agruparam escolas isoladas em Grupos Escolares, reformularam o ensino desde as suas bases. Na reunião de diversas escolas isoladas no bairro do Além Ponte, tipicamente espanhol e operário, foi fundado em 1919 o terceiro grupo escolar da cidade de Sorocaba, atendendo às reivindicações dos operários. A Chácara Amarela, palco de tentativas de instalação da primeira tecelagem

da cidade, passou a abrigar o Grupo Escolar “Senador Vergueiro”, assim denominado em homenagem ao avô do chefe político Luis Pereira de Campos Vergueiro, que comandou a política local e o movimento denominado de “Vergueirismo”. Este trabalho foi elaborado por meio da pesquisa em documentos, jornais da época e livros, foi de grande valia o trabalho do pesquisador e professor Rogério Lopes Pinheiro de Carvalho que reuniu e organizou uma edição fac-similar do jornal O Operario, fonte de informações sobre o Movimento Operário sorocabano e a preocupação com a escolarização dos filhos dos operários.

Palavras-chave: Educação. Imprensa operária. Vergueirismo. Grupo Escolar.

ABSTRACT

Sorocaba what for three centuries housed the fair of mules, where drovers from the south, on the way to Minas Gerais, made of Sorocaba its resting point and business, for this reason the city prospered, many made fortunes, with the end of the fairs, the money gathered on business of mules, was applied to build: factories, commerce, placing again the city in the national spotlight, gaining the nickname " Manchester of Sao Paulo". The opening of new factories requiring a large contingent working labor, with the end of slavery ,begin to arrive the immigrants of various nationalities, allocated on various points of the city, in the neighborhood "Além Ponte" from the old continent , the Spanish founded his cologne, anarchists by nature, the Spanish are part of the history of the labor movement of Sorocaba, them beginning into factories was against taste, due to the fact that mostly Spanish would like to work in the agriculture, however they found themselves obliged to compose the great mass of work, mainly in textile mills. The struggle for survival made the workmen children entering to work into the factories, composing with the sacrifice the meager domestic budget, producing a social problem, the illiteracy, being that the Republican ideas had as aimed eradicate this social evil. The dream of the Republic was coming up against exactly in the dilemma of the instruction and education, how to solve it, was the starting point for the labor movement to fight for reduction in working hours, for small proletarians attend classrooms of the modern school, where the rational education based on anarchist philosophy was widespread. The person in charge for education concerned with the advancing anarchist teaching, search for ways to make the young worker back to public school. The education become mandatory, at least the children of 12 years old, isolated schools joined in School Groups, they re-formulated the teaching from its bases. In the joining of several isolated schools in the neighborhood of "Além Ponte" , neighborhood typically Spanish and worker , is established in 1919 the third school group of Sorocaba's city, meeting the demands of the workers and the yearning of the republican ideals, the yellow farm, stage of attempted installation of the first city weaving , starts to shelter the school group " Senator Vergueiro" , honoring the grandfather of

the political boss Luis Pereira de Campo, who commanded the local political and the politic movement called “ Vergueirism” (the ideology of Senator Vergueiro). This work was done through research papers, books and newspapers at the time, was of great value the work of researcher and professor Rogério Pinheiro de Carvalho Lopes attended and organized a facsimile edition of the worker, source of information about the Sorocaba Labor Movement and concern for the education of children of workers.

Keyword: Labor press. Vergueirism(the ideology of Senator Vergueiro). Childhood working. School Group.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa do livro Os Espanhóis.....24
Figura 2 – Fábrica de Tecidos Santa Maria.....29
Figura 3 – Primeiro número do jornal O Operario.....31
Figura 4 – Número 1 do jornal Cruzeiro do Sul.....33
Quadro 1 – Escolas isoladas distritais ou urbanas de Sorocaba em 1919.....47
Quadro 2 – Escolas isoladas rurais de Sorocaba em 1919.....47
Quadro 3 – Escolas isoladas noturnas de Sorocaba em 1919.....48
Quadro 4 – Escolas primárias no estado de São Paulo em 1918.....50
Figura 5 – Crianças operárias.....56
Figura 6 – Primeiro grupo escolar de Sorocaba “Antonio Padilha”.....62
Quadro 5 – Cidades que não haviam organizado grupos escolares em 1919.....70
Quadro 6 – Cidades com um grupo escolar em 1919.....71
Quadro 7 – Cidades que tinham dois grupos escolares em 1919.....72
Quadro 8 – Cidades que tinham três grupos escolares em 1919.....72
Figura 7 – Casa da Chácara Amarela que abrigou o grupo escolar “Senador Vergueiro” no bairro Além Ponte em Sorocaba.....73
Figura 8 – O professor Accácio de Vasconcellos Camargo com alunas e professoras.....78
Figura 9 – Professores do grupo escolar “Senador Vergueiro”.....79
Figura 10 – Primeiro livro de visitas dos inspetores escolares.....81
Figura 11 – Livro de matrícula do grupo escolar “Senador Vergueiro”.....83

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....14
2 ALÉM PONTE: O BAIRRO OPERÁRIO.....21
2.1 A Colônia Espanhola em Sorocaba.....22
2.2 Fábrica de Tecidos Santa Maria.....28
2.3 Imprensa sorocabana - Jornal O Operario e o jornal Cruzeiro do Sul.....30
2.4 A Escola Moderna – O anarquismo em Sorocaba.....36
3 PRIMÓRDIOS DA INSTITUCIONALIZAÇÃO ESCOLAR EM SOROCABA.....43
3.1 Escolas de primeiras letras - Escolas isoladas.....43
3.2 Escolas agrupadas – Escolas reunidas.....48
3.3 A formação dos Grupos Escolares.....51
4 A EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA OPERÁRIA.....56
4.1 O ensino obrigatório e a luta contra o analfabetismo.....57
4.2 O Vergueirismo na política de Sorocaba. 65
4.3 A criação do terceiro Grupo Escolar de Sorocaba (1919).....72
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....84
REFERÊNCIAS.....86

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa trata da criação do terceiro grupo escolar da cidade de Sorocaba com a escolarização dos filhos dos operários sorocabanos.

Ao pesquisar sobre a história, muitas vezes trabalhamos com vestígios e suposições, pois é escasso o material que nos chega às mãos, temos sim alguns fragmentos ou textos que nos obrigam a interpretar e divagar sobre fatos e acontecimentos. A falta de cuidado com os arquivos escolares torna-se um imperativo, o pouco material que resta é um precioso tesouro que deve a todo o custo ser preservado.

Quando retrocedemos no tempo as fontes diminuem em proporção, pois os atores já não estão mais disponíveis e assim a dificuldade em checar uma informação torna-se uma epopeia, portanto o exercício de pesquisa é proporcional à época a ser pesquisada.

Pesquisar a História da Educação torna-se uma tarefa desafiadora, pois ao pesquisá-la temos que inferir em outras áreas, pois a sua compreensão perpassa pela política, pelos empresários e grandes industriais, pelos movimentos operários patrocinados por anarquistas, socialistas e comunistas. Destarte, os primórdios da História da Educação estão intimamente relacionados à alfabetização das primeiras letras.

Alfabetizar as crianças era uma preocupação de diversas entidades, na esfera política, alfabetizar, tinha o objetivo de ‘abrasileirar’ os brasileiros, ou seja, refutar o perigo das influências estrangeiras que assolavam o país, entre essas influências destaca-se os movimentos anarquista, socialista e comunista.

Para os empresários ter uma mão de obra alfabetizada, significava menores custos, pois era grande o contingente de engenheiros e outros profissionais estrangeiros, exigidos quando da compra no exterior de máquinas e equipamentos, estes profissionais vinham para montar os equipamentos e ensinar os operários a manuseá-los. Os operários, por não saberem ler acabavam por danificar tais equipamentos.

Nessa linha de pensamento seguiam em paralelo, porém cada um procurando a hegemonia sobre a classe operária, os anarquistas, socialistas e os comunistas, que tinham em comum a ideia de que o operário alfabetizado deixaria a senda da ignorância e, portanto, seria conhecedor de seus direitos.

Porém, havia um dilema a ser resolvido, o salário das crianças era de grande valia, complementava o parco orçamento doméstico e era uma garantia de que se o chefe da casa sofresse um infortúnio laboral. O salário das crianças livraria a família de passar necessidades, conforme se depreende de alguns escritos na imprensa local:

> Notas... a Vapor
> Com ares de Appello...
> Pobresinhas... o destino ingrato lhes roubou a felicidade, lhes roubou a infancia lançando-as n'um escuro carcere a mercê das engrenagens, das maquinas, expostas aos maiores perigos phisicos sem que o vampiro eterno – o patrão, pense em melhorar tão triste e degradante situação.[...] Enquanto os filhos dos ricos dormem até as 10 horas, n'um leito macio, n'um colchão de pennas, sonhando com o fucturo risonho que alem se lhes apresenta, fucturo esse comprado com o suor dos pobres, esses que vivem como os escravos do passado; os filhos dos pobres vão para as fabricas teritando de frio, as vezes quem sabe... sem tomar siquer uma chicara de café!... Porque moctivo não se executa a lei que prohibe ás creanças menores de 14 annos de trabalhar em fabricas?!.. (CARVALHO (Org.), 2007, p. 429).[1]

Nesse apelo transcrito do jornal O Operario[2], estava nítida a preocupação do editor com a sorte das crianças filhas de operários, visto que se considerava a importância das brincadeiras e jogos infantis para o desenvolvimento sadio na tenra idade e não os ver envolvidos na luta do antagonismo de classes.

> Será exacto?!...
> Tem vindo ao nosso conhecimento, mais de uma vez, a notícia, para nós sempre dolorosa, de que em algumas fábricas desta cidade os mestres e contramestres costumam infligir castigos corporaes aos menores sob sua direcção.
> Custa-nos a crer em tal e esperamos ter o ensejo de, com todo prazer, desmentir estes boatos, que tem vindo por em sobre-salto às famílias desses infelizes menores a quem a necessidade obriga, ainda no verdor dos annos, a procurar ganhar, para si e para os seus, com o suor dos seus rostos, o pão de cada dia, exgotando os seus organismos fragilimos. (CARVALHO (Org.), 2007, p. 9).

[1] Manteve-se a ortografia original em todos os trechos dos documentos citados neste trabalho.
[2] A grafia do jornal O Operario foi mantida conforme se apresentava na época, sem o acento agudo.

A preocupação do movimento operário era oferecer condições para que crianças tivessem a oportunidade de receber instrução, serem alfabetizadas e deixarem a senda da ignorância. Provavelmente não havia no pensamento operário a pretensão de que uma criança ultrapassasse o ensino básico; o fato de saber ler e escrever já os tornaria operários conscientes de suas obrigações e principalmente de seus direitos.

> Liberdade e Instrucção
> [...] É triste, é doloroso, ver-se essa multidão de creaturinhas desde às 5 horas da manhã até às 7 horas das noite numa escura fábrica de tecidos expostos ao frio com risco da própria vida, quando nessa idade tão bella podiam gozar a felicidade d'uma escola. (CARVALHO (Org.), 2007, p. 300).

Crianças e adultos analfabetos, principalmente os primeiros, preocupavam os dirigentes políticos, os quais, seguindo o ideário republicano, procuravam meios para combater o analfabetismo. Com esse objetivo, editaram leis tornando o ensino obrigatório, formularam e reformularam métodos de ensino, construíram "templos do saber", para abrigarem os grupos escolares.

> Uma folha da tarde noticiou que o dr. Freitas Valle fundamentarà brevemente, perante a Camara dos Deputados, um projecto criando escolas nocturnas nas proximidades dos estabelecimentos industriaes em que trabalham menores.
> Sò póde merecer applausos e louvores uma idéia tão feliz e que vem preencher uma lacuna que há muito tempo existia em S. Paulo. [...] Sóbe a muitos milhares o numero de menores que deixam de frequentar escolas e ficam privados de receber a luz da instrucção, que deve ser proporcionada igualmente a todos. (CARVALHO (Org.), 2007, p. 28).

A origem dos Grupos Escolares foi a reunião em um só prédio de diversas escolas isoladas, visto que estas já não atendiam a pretensão dos republicanos. Além do que as escolas isoladas tinham um custo alto para o estado.

Para atingir o objetivo de alfabetizar um grande contingente de crianças e adultos, houve uma reformulação das diretrizes do ensino para que este atendesse e suportasse essa empreitada. A solução encontrada foi agrupar as escolas isoladas em prédios construídos ou adaptados para tal fim. Sob a regência de um diretor, os grupos escolares criados pela Lei n. 169 de 07 de agosto de 1893 e regulamentados pelo Decreto n. 248 de 26 de julho de 1894, começaram a partir de então a dominar o

cenário urbano. Para os políticos da época era uma questão de prestígio e demonstração de força política a instalação de um grupo escolar em sua cidade.

Segundo Souza (1998, p. 27),

> Um amplo projeto civilizador foi gestado nessa época e nele a educação popular foi ressaltada como uma necessidade política e social. A exigência da alfabetização. A escola primária graduada, compreendendo a classificação homogênea dos alunos, várias salas de aula e vários professores, é uma invenção recente na história da educação brasileira. Essa modalidade de escola primária, denominada "grupo escolar", foi implantada pela primeira vez no país em 1893, no estado de São Paulo, e representou uma das mais importantes inovações educacionais ocorridas no final do século passado. Tratava-se de um modelo de organização do ensino elementar mais racionalizado e padronizado com vistas a atender um grande número de crianças, portanto, uma escola adequada à escolarização em massa e às necessidades da universalização da educação popular. Ao implantá-lo, políticos, intelectuais e educadores paulistas almejavam modernizar a educação e elevar o país ao patamar dos países mais desenvolvidos.

O analfabetismo, além da classe política, preocupava também os anarquistas, socialistas[3] e anarcossindicalistas[4], que consideravam a classe operária analfabeta, uma presa fácil para patrões e políticos mal intencionados. Portanto, era urgente a necessidade de se acabar com esse mal, que tornava o operário escravo da burguesia.

> Aos Operarios de Sorocaba
> Operarios eu vos saúdo!
> Continuae a trilhar o caminho que traçastes e tereis comprehendido a nobresa de vossa classe a mais digna, talvez, da nossa veneração pelo grande e extraordinário concurso que tem prestado, presta e prestarà ao progresso material de nosso paiz. Avante Operarios! Não deveis ter nem um só momento de hesitação na vossa jornada. A vossa missão é nobre. Os vossos ideaes são nobilíssimos. Prosegui com denodo e trabalhae com afinco em busca da vossa liberdade e dos vossos direitos.
> Deveis meditar com atenção sobre estas ultimas palavras:
> Liberdade! Direitos!
> Meditae... e vede como se tem abusado da vossa classe!!

[3] Socialismo é uma doutrina política e econômica que surgiu no final do século XVIII e se caracteriza pela ideia de transformação da sociedade através da distribuição equilibrada de riquezas e propriedades, diminuindo a distância entre ricos e pobres. (SIGNIFICADO..., 2013).

[4] O anarco-sindicalismo atribuiu aos movimentos sindicais, do período, um papel importante na luta pela emancipação da classe trabalhadora. Possuía um caráter apolítico e defendia a negociação direta entre trabalhadores e empresários. (ANARCO..., 2012).

> Como tem sido conspurcado aquilo que vos è assegurado na nossa Lei básica, nesse regimem de Liberdade, Igualdade e Fraternidade! Aconselho-vos, porèm, a procurar remédio para os males que affligem a vossa nobilíssima classe dentro da ordem da Lei e do Direito. Uni-vos, Operarios, e sereis fortes.
> Como o mais humilde de vossos leitores e como pequeno operário, que também sou, eu vos concito a união e ao dever que nos assiste de pugnarmos pelos nossos Direitos e pela nossa Liberdade. Eu vos saúdo operários! Idyllio. (CARVALHO (Org.), 2007, p. 5).

A instalação de grupos escolares era a materialização do ideário republicano. Coerente com este ideário, esta pesquisa retoma o caminho percorrido por inúmeros historiadores, procurando juntar os fragmentos por eles estudados e tentando contribuir com a história da educação, ao refazer questionamentos e dando voz aos operários que colaboraram com o crescimento da nação, deixando o convívio familiar e dedicando-se ao trabalho, reivindicando dias melhores.

Os operários como sujeitos que se organizaram em ligas trabalhistas, fundaram jornais, fizeram greves e deixaram um legado a ser estudado e compreendido, define-se dentro da perspectiva histórica da educação, ao se voltar para seus anseios, suas angústias e, sobretudo, a luta pela sobrevivência, preocupações essas que não queriam ver reproduzidas em seus filhos. Deriva-se daí a necessidade exposta de que as crianças frequentassem escolas e um dia pudessem ver-se livres do estigma da ignorância causado pelo analfabetismo.

> Conferencia Socialista em Sorocaba
> [...] As 7 e meia horas da noite a classe operaria de Sorocaba, em attenção ao convite que fizemos distribuir em avulsos, reuniu-se na praça da matriz e em número superior a 500 operarios, alem de cidadãos representantes das outras classes. Fez-se ouvir em primeiro lugar o nosso amigo Antonio Argento que levantou um enérgico protesto sobre o modo pelo qual são tratados os menores operarios, fazendo referencias, especialmente, ao modo brutal e deshumano, porque na fabrica N. S, da Ponte castigam os menores, tendo se dado em dias passados o facto altamente “digno e louvavel” de um snr. Eloy Ribeiro, preposto do snr. Cognasca, ter agarrado um pela garganta, de modo a causar-lhe asphyxia, sendo necessário recorrer se de prompto a uma pharmacia! onde o menor foi medicado (CARVALHO (Org.), 2007, p. 39).

Resgatando a história da educação em Sorocaba vinculada ao momento político e ao movimento operário que marcaram a cidade no início do século XX, a presente pesquisa aborda ainda a Colônia Espanhola e sua influência histórica no processo de industrialização do município. Muitos desses imigrantes espanhóis eram adeptos ou

pelo menos se simpatizavam com a doutrina anarquista, desta forma contribuíram fundando escolas Modernas e lutaram para que suas reinvidicações fossem atendidas, como por exemplo, a redução da jornada de trabalho para oito horas diárias, possibilitando que as crianças operárias pudessem frequentar uma escola.

Na pesquisa da colônia espanhola em muito contribuiu o livro do historiador Sérgio Coelho, embora descendente de italianos, morou desde a infância no Além Ponte e de sua convivência com seus moradores, eternizou a saga da colônia espanhola em seu livro Os Espanhóis.

Este trabalho está estruturado em três capítulos, sendo o primeiro capítulo “Além Ponte: O bairro operário” faz um resgate histórico do bairro que abrigou a Colônia Espanhola em Sorocaba; o segundo capítulo “A educação da infância operária”, faz um relato desde a educação na Primeira República até o Vergueirismo ditando os rumos da política na cidade; o terceiro capítulo, “Primórdios da institucionalização escolar em Sorocaba”, apresenta a preocupação centrada na educação como elemento alavancador do ideário Republicano, a organização e institucionalização escolar no município de Sorocaba; e as considerações finais, sobre a pesquisa, fazendo um retrospecto sobre o assunto abordado.

Primordial foi o acesso a fontes como o Annuario do Ensino do Estado de São Paulo[5] ao Regimento Interno das Escolas Publicas do Estado de São Paulo[6] ambos disponíveis digitalizados em meio eletrônico. Desta forma podemos analisar sob o contexto da época, leis e regulamentos que teceram os primórdios da institucionalização da educação no Estado de São Paulo.

Foi também de grande contribuição para a elaboração desta pesquisa o acesso às páginas do jornal Cruzeiro do Sul totalmente digitalizado e disponível em meio eletrônico, como também a versão fac-similar do jornal O Operario[7], organizada pelo pesquisador e professor Dr. Rogério Lopes Pinheiro de Carvalho.

De grande relevância para esta pesquisa foi também o acesso aos documentos muito bem conservados pelos responsáveis da Escola Estadual “Senador Vergueiro”

[5] Conforme grafia do documento original.
[6] Idem.
[7] Idem.

que preservaram está fonte de informações sobre os anos iniciais, deste que foi o terceiro grupo escolar instalado na cidade de Sorocaba em 1919.

De posse dessas fontes preciosas, foi possível atender as indagações desta pesquisa, qual a importância do terceiro grupo escolar e o motivo que levaram as autoridades da época a instalar essa escola em um bairro tipicamente operário.

2 ALÉM PONTE: O BAIRRO OPERÁRIO

Sorocaba é uma cidade do interior do estado de São Paulo fundada em 1654 pelo bandeirante Baltazar Fernandes. Seu primeiro nome foi Vila de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba. A vila cresceu, abrigou por vários anos a famosa Feira de Muares e assim tornou-se cidade e, com seu desenvolvimento, os limites se expandiram. Para que seus moradores se situassem dentro desses limites, passaram a usar uma nova nomenclatura na qual foram utilizados os elementos setoriais identificadores: a linha férrea, a ponte, o tipo de vegetação e a área central da cidade.

Esses elementos caracterizaram por muito tempo as regiões que a eles estavam atreladas. Desta forma, as quatro regiões ficaram conhecidas como Além Ponte, visto que havia a necessidade de se atravessar a ponte; Além Linha, região que ficava depois da Estação Ferroviária; Cerrado, localidade afastada do centro da cidade e que apresentava uma vegetação típica do cerrado brasileiro e o centro da cidade.

O bairro do Além Ponte se expandiu e a partir de 1733, com a passagem da primeira tropa de muares e, posteriormente, com Governo aproveitando o estreitamento proporcionado pela ponte sobre o rio Sorocaba, criou o Registro de Animais de Sorocaba.

> O Brasil era colônia de Portugal e o governo de Lisboa, atento às possibilidades do negócio, criou uma série de Registros de Animais ao longo do caminho das tropas. O objetivo era obrigar os tropeiros a passar por esses locais e arrecadar impostos. O mais importante Registro de Animais foi instalado em 1750 em Sorocaba, junto à ponte sobre o rio (a atual ponte que liga a rua 15 de Novembro à avenida São Paulo). (SOROCABA E...,2013)

Com esses acontecimentos a região do Além Ponte foi de certa forma valorizada e recebeu seus primeiros moradores:

> A vila já começava a estender-se além ponte, e em 1695 havia uma casinha de palha ou sapé junto à ponte. [...] Mas aí por 1733, o futuro capitão-mor José Barros Lima construiu as suas casas à direita da ponte, dando princípio à atual rua Cel. Nogueira Padilha. [...] Depois de 1800, a Chácara Amarela. De ambos os lados da estrada dos Morros, que dividia em linha reta (daí o belo traçado da rua Cel. Nogueira Padilha, que começou larga por causa das tropas) existia um

> vale dividindo as chácaras Quinzinho de Barros e Amarela. (ALMEIDA, 2012, p. 60).

As primeiras ruas do bairro Além Ponte foram a rua da Boa Morte, posteriormente denominada de rua Aurora e atualmente rua Constantino Senger. Em 1856 abriu-se outra rua que recebeu o nome também de rua Boa Morte, visto que a anterior passou a chamar rua Aurora, essa segunda rua Boa Morte hoje é a rua Rui Barbosa, a rua principal do bairro era na verdade uma estrada de terra conhecida na época como Estrada dos Morros, que passou a ser conhecida como rua dos Morros e finalmente rua Cel. Nogueira Padilha.

Essa região da cidade denominada de Além Ponte no início do século XX recebeu inúmeros imigrantes, principalmente os espanhóis, que fizeram ali sua morada e se constituiu numa importante colônia espanhola na cidade de Sorocaba.

2.1 A colônia espanhola em Sorocaba

Ao falar da colônia espanhola em Sorocaba não podemos deixar de citar os dois historiadores que se dedicaram a estudar a imigração espanhola no Brasil. Ambos relatam em suas obras que os espanhóis não formaram colônias no Brasil, a exemplo de outros povos que para aqui imigraram.

Segundo Oliveira (2002, p. 11),

> Não houve bairros tipicamente espanhóis nas cidades do interior ou na capital, ao contrário do que ocorreu com os italianos. Essa afirmação é do historiador Herbert Klein em seu livro “A IMIGRAÇÃO ESPANHOLA NO BRASIL”, um dos estudos mais completos e detalhados sobre o tema, editado em 1994. Compartilha da mesma opinião a historiadora espanhola Elda Gonzáles Martínez ao tratar da imigração espanhola, na cidade de São Paulo, no livro “REFLEXIONES EM TORNO A 500 AÑOS DE HISTÓRIA DE BRASIL”

Na contramão do que aconteceu nas demais cidades, Sorocaba teve sim sua colônia espanhola que, diga-se de passagem, contribuiu para a expansão da cidade e continua ativa, sendo hoje representada pela Casa de España Don Felipe II[8].

Conforme Oliveira (2002, p. 11),

> Certamente, esses dois autores não conheceram Sorocaba. E se conheceram, não atravessaram a ponte, não subiram a antiga rua dos Morros e nem sentiram o cheiro da cebola restiada e espalhada ao sol em plena rua, como se fosse enfeitada para passagem da procissão de Corpus Christi. Não conheceram o Além Ponte ou a Vila Hortência, pois se o fizessem, teriam reconhecido na feição daquela gente os traços marcantes do povo ibérico ou identificado na blasfêmia e xingação irreverente o mais puro vernáculo de Granada ou Almeria.

A colônia espanhola começou a se formar em Sorocaba quando os primeiros espanhóis por volta de 1895 deixaram a Espanha, incentivados pela Lei de Euzébio de Queiroz o Visconde de Parnaíba. Essa lei de 1850 proibia o tráfico de escravos africanos para o Brasil e os fazendeiros precisavam repor a mão de obra escrava. A opção encontrada foi incentivar a vinda de imigrantes europeus, visto que a Europa eclodia em guerras.

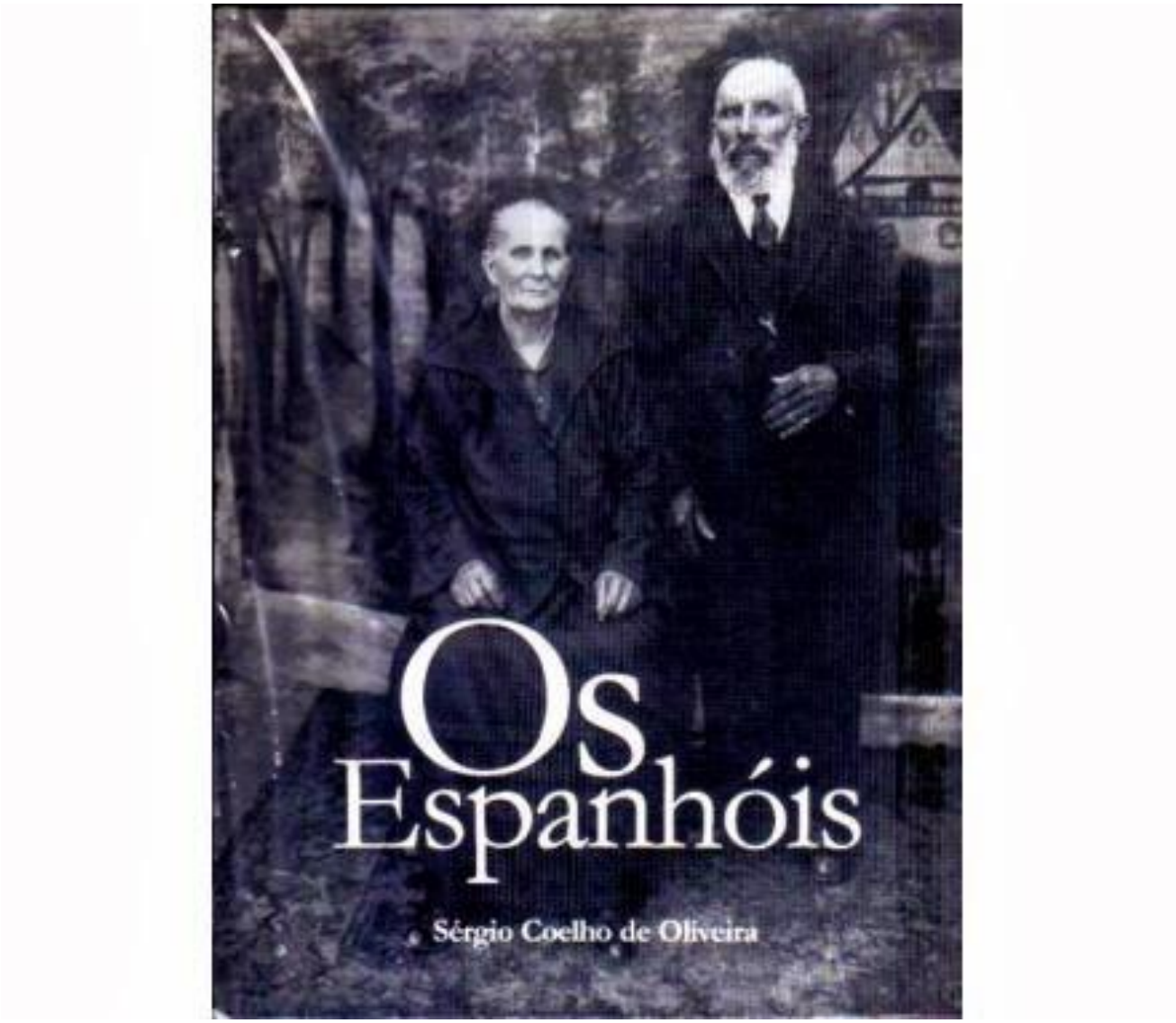
O historiador sorocabano Sergio Coelho de Oliveira, filho de imigrantes italianos que escolheram a região do Além Ponte para viverem, retrata a vida da colônia espanhola em seu livro “Os espanhóis”, onde há depoimentos de filhos e netos desses imigrantes e o cotidiano da colônia no bairro Além Ponte.

Neste livro encontramos relatos sobre os anarquistas que contribuíram com sua inquietação e discursos inflamados contra a burguesia na busca por dias melhores. Histórias de inúmeros espanhóis que ajudaram no desenvolvimento dessa importante região da cidade de Sorocaba. E o mais importante dessa obra é a confirmação de que no Brasil houve uma colônia espanhola e que a mesma ainda sobrevive em meio a modernidade, preservando suas raízes e colaborando para com a disseminação da cultura espanhola.

[8] Casa de España Don Felipe II, Rua Manoel Lopes, 235 - Vila Hortência - Sorocaba / SP.

Dizia-me, certa vez, o ponderado Antônio Haro, olhando ao longe a história e a vida da colônia espanhola: “Muitos se projetaram nos mais diversos setores, na indústria, no comércio, na lavoura e, hoje, seus filhos são doutores ou sorocabanos ilustres. Mas, todos os espanhóis de Sorocaba são importantes, porque todos são trabalhadores. Apenas que uns tiveram mais sorte e outros menos”. (OLIVEIRA, 2002, p. 13)

Figura 1- Capa do Livro Os Espanhóis.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Oliveira (2002, p. 28), diz que a Espanha no início do século XX amargava uma crise social e econômica, pois ao longo do século XIX o país se viu mergulhado na Guerra Hispano-Americana, culminando em 1898 com a perda de importantes colônias como Cuba, Filipinas e Porto Rico, que juntamente com a fracassada campanha militar no Marrocos (África), levaram os espanhóis a um estado de miséria. A saída estava no promissor país além-mar, foi dessa forma que inúmeras famílias espanholas deixaram para trás terras, parentes e partiram para “fazer a América”.

A colônia espanhola recebeu mais integrantes a partir de 1900. Antes dessa data ocorreu a chegada de uma ou outra família ou alguns aventureiros solitários, mas foi só após esse ano que a imigração realmente se avolumou e a colônia espanhola realmente se consolidou em Sorocaba.

> As colônias síria e espanhola, à parte um ou outro caso isolado, não existiam antes de 1889. Numerosa, sim era a colônia alemã, com os seus chapeleiros e cervejeiros. Mais numerosa a colônia portuguesa, sempre recebendo novos rapazes caixeiros, futuros genros e sócios, troncos de importantes famílias. (ALMEIDA, 2012, p. 220).

O Capitão Joaquim Eugênio Monteiro de Barros, ou como era chamado, Quinzinho de Barros, era proprietário de grandes extensões de terras que abrangiam praticamente todo o Além Ponte. Foi ele o responsável pela vinda de grande parte dos espanhóis, visto que os mesmos precisavam de alguém que lhes enviasse uma carta de indicação, caso contrário ao desembarcar no Brasil seriam levados a alguma das inúmeras fazendas de café, onde deveriam permanecer por um período de até 4 anos, prestando serviços em troca de moradia e alimentação.

Quinzinho de Barros, dono de uma grande fazenda[9], era procurado constantemente por espanhóis residentes que solicitavam a dita carta, a fim de que seus parentes pudessem desembarcar e vir direto para Sorocaba e trabalharem como meeiros nas suas terras.

Conforme relata Oliveira, (2002, p. 42),

> Uma família para se transferir da Espanha para o Brasil, como imigrante, precisava ter uma carta de chamada assinada por um fazendeiro brasileiro, que

[9] Parte da fazenda é hoje o Parque Zoológico “Quinzinho de Barros” na cidade de Sorocaba-SP.

> se comprometia a receber os estrangeiros e dar-lhes trabalho. Dono de extensas terras no bairro do Além Ponte, ele as cedia para os espanhóis plantarem em sistema de meeiro. [...] Era um homem culto. Além da formação elementar da época, estudou em seminário, o que lhe permitia auxiliar os filhos nos estudos, até mesmo na tradução de textos em francês.

Os espanhóis que aportavam em Sorocaba eram na maioria provenientes das regiões das províncias de Granada, Almeria e Múrcia, no sul da Espanha. Estima-se que entre os anos de 1910 e 1915 passaram pela Hospedaria dos Imigrantes[10] na cidade de São Paulo cerca de 102.800 espanhóis, que tinham o sonho de prosperar na América fugindo da difícil situação econômica que a Espanha apresentava.

De temperamento explosivo, os espanhóis despertavam curiosidade e medo por onde passavam; seu linguajar de difícil interpretação e seu jeito escrachado de maldizer tudo e a todos, a célebre frase "*Se hay gobierno en esta tierra, yo soy contra*" (Se há governo nesta terra, eu sou contra), confirmam a ideologia anarquista[11] da maioria dos espanhóis.

> Em Sorocaba não foi diferente. A presença do imigrante espanhol entre anarquistas e comunistas na liderança de greves e dos movimentos operários sempre foi marcante. Centro operário por excelência, a cidade foi palco de extremadas lutas de classe, com greves constantes e confrontos entre operários e policiais, o que lhe valeu o apelido de "Moscou brasileira". E à frente sempre tinha um espanhol. (OLIVEIRA, 2002, p. 117)

Vindos do sul da Espanha, os espanhóis traziam o sonho de encontrar uma terra próspera em que pudessem levar uma vida digna e ter condições de alimentar sua prole, porém, muitos tiveram dificuldades nos primeiros anos em que chegaram ao Brasil. Por vezes, tratados nas mesmas condições dos escravos, que substituíam nas lavouras, ou se empregaram nas indústrias, se depararam com condições insalubres e longas jornadas de trabalho. Com os ensinamentos anárquicos que muitos haviam tido na Espanha, começaram a reivindicar seus direitos:

---

[10] Construída entre os anos de 1886 e 1888, a antiga "Hospedaria de Imigrantes do Brás" foi um dos maiores centros de recepção de estrangeiros já existentes no Brasil. Por suas dependências, passaram mais de dois milhões de pessoas entre os anos de 1887 e 1978. (LIVROS..., 2013).

[11] O anarquismo nasceu da revolta moral contra as injustiças sociais. A anarquia é a sociedade organizada sem autoridade, compreendendo-se a autoridade como a faculdade de impor a própria vontade. (ANARQUISMO..., 2013)

> O caráter do anarquismo rural que surgia no sul da Espanha diferia (...) daquele desenvolvido nas grandes cidades do norte. “A ideia”, como a chamavam, era transmitida de aldeia a aldeia pó “apóstolos” anarquistas. Nos *gañanías*, ou barracões, dos trabalhadores rurais, nas pequenas casas isoladas, à luz de candeeiros de azeite, os apóstolos falavam em liberdade e igualdade e justiça a ouvintes extasiados. Criaram-se pequenos círculos nas cidades e aldeias que abriram escolas noturnas, onde muitos aprendiam a ler, divulgavam propaganda antirreligiosa e com frequência praticavam o vegetarianismo e a abstinência alcoólica. [...] Considerava-se todo novo movimento ou greve como anunciador da vinda próxima de uma nova era de abundância, quando todos – até a Guarda Civil e os proprietários de terras – seriam livres e felizes. Como isto se daria, ninguém sabia dizer. Além do confisco de terras (nem sequer isto em alguns lugares) e da queima da casa paroquial, não havia propostas concretas. (WOODCOCK, 1984, p. 85).

Sorocaba, que se tornou paulatinamente uma cidade industrial, abrigou inúmeros imigrantes em suas fábricas e não tardou que, embora em número reduzido, os espanhóis se destacassem como líderes de greves e do movimento operário.

Talvez ao chegarem à nova pátria esses espanhóis quisessem tão somente recomeçar suas vidas sem se envolver em questões políticas e ideológicas. Porém, seu caráter de não levar desaforo para casa, de resolver tudo no momento em que aconteceu, sem se defrontar com as autoridades que lhes deram o direito de sonhar. Novamente e por alguns anos eles tentaram se adaptar a nova terra. Com o passar do tempo, ao verem que estavam sendo explorados, ao sentirem que muitas vezes eram motivos de chacotas, e que a sociedade da época os discriminava, começaram a se organizar para diminuir essas injustiças.

Notícias vindas da Espanha davam conta que Francisco Ferrer y Guardia[12] havia sido fuzilado em 13 de outubro de 1909, por causa de seus ideais de libertação. Ele fundou Escolas Modernas, que tinham como objetivo fazer com que as pessoas refletissem sobre os mais diversos assuntos, sempre com uma base científica.

A intenção era que ao refletir sobre os mais variados assuntos, seus alunos conseguissem autonomia e emancipação e que os ideais anarquistas fincassem raízes e se fortificassem, para assim conseguirem uma pátria livre e justa para todos.

[12] O espanhol Francisco Ferrer Y Guardia foi um pedagogo revolucionário, fundou e disseminou pelo mundo a Escola Moderna ou Escola Racionalista, foi condenado à morte em 1909 acusado de autor intelectual de um atentado contra a vida do rei Afonso XIII em Madrid. (CAVALHEIRO, 2009, p. 97)

De acordo com Guardia (1976, apud CAVALHEIRO, 2009, p. 97), “As Escolas Modernas formavam para a emancipação e autonomia do ser humano. Ferrer, que era maçom e anarquista, acreditava nos princípios do livre-pensamento e na liberdade de todas as pessoas”.

Dia após dia chegavam mais imigrantes espanhóis e iam se acomodando ora em hospedarias, ora em casa de parentes ou conhecidos. Dessa forma o Além Ponte que já contava com uma importante indústria, a Fábrica de Tecidos Santa Maria, foi sendo tomado por imigrantes espanhóis, que ou compravam pequenas porções de terra para plantar cebolas, verduras, algodão, ou, se empregavam na fábrica.

2.2 Fábrica de Tecidos Santa Maria[13]

Em abril de 1892 alguns industriais de Sorocaba fizeram uma reunião para acertar a organização de uma nova indústria de tecidos na cidade, a diretoria era composta por Alexandre Marcchísio, Joaquim Silvério Júnior, Francisco de Souza Pereira, Gabriel Dias de Oliveira e José Loureiro Júnior, esses homens queriam empregar seu dinheiro, ganho em parte com a política do Encilhamento[14] e também queriam fugir do fantasma da inflação que assolava o país naquele momento.

A região do Além Ponte ainda era pouco habitada, sua rua principal a rua dos Morros, tinha poucas casas, que com a construção da fábrica de tecidos Santa Maria e da vila para abrigar os trabalhadores, começou a se expandir.

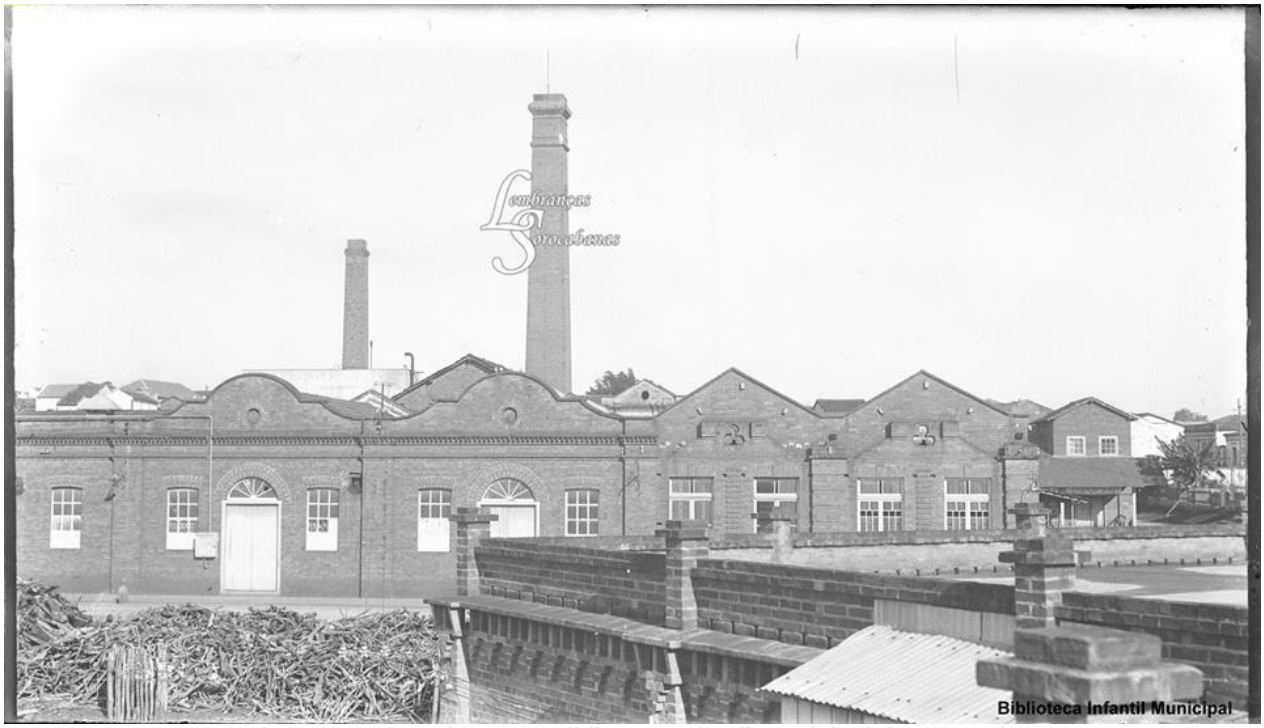
Em 1896 iniciou-se o trabalho. Aumentaram operários. A rua dos Morros[15] era pouco ladeada de casas além da rua da Boa Morte, que não continuava até a rua Votorantim, simples estrada. (ALMEIDA, 2002, p. 381)

A Fábrica de Tecidos Santa Maria, conforme figura 2, foi fundada em 1897 na esteira da expansão industrial que se verificou após a Proclamação da República. A região escolhida para sua instalação foi o Além Ponte. Diversos foram os motivos para

[13] As ruínas da Fábrica Santa Maria serão transformas em um Museu pela Prefeitura de Sorocaba.
[14] A política do Encilhamento foi conduzida pelo Ministro da Fazenda Rui Barbosa no governo do Marechal Deodoro da Fonseca e tinha por objetivo incentivar a industrialização com a liberação de créditos bancários. (HISTÓRIA – Encilhamento..., 2011).
[15] A rua dos Morros é a atual Rua Coronel Nogueira Padilha, importante via do bairro.

essa escolha, entre esses motivos é certo afirmar que a região tinha mão de obra em abundância, principalmente os imigrantes espanhóis. A fábrica ficava próxima à estrada de ferro, e como era costume na época, as fábricas eram construídas próximas à residências dos trabalhadores, visto que era difícil a locomoção dos operários devido a precariedade do transporte.

Figura 2 – Fábrica de Tecidos Santa Maria.



Fonte: Lembranças Sorocabanas e Biblioteca Infantil Municipal de Sorocaba.

Desta forma os empresários construíam as fábricas em locais que houvesse espaço para a construção de casas para os trabalhadores. Essas casas ficaram conhecidas como vilas operárias.

> Com a expansão industrial após a proclamação da República, surgem na cidade três novas fábricas de tecidos de algodão com suas respectivas vilas operárias – Santa Rosália e Votorantim (1890) e Santa Maria (1897) – em pontos distantes mas sempre próximas à nascente rede ferroviária.
> [...] A Santa Maria levou o impulso urbanizador ao amplo setor do Além Ponte, com a abertura de novas ruas e construção de casas para trabalhadores no bairro dos Pinheiros. (SOROCABA..., 2004, p. 164)

A Santa Maria por razões ainda a serem pesquisadas, ficou fechada por alguns anos, conforme consta no Alamanach de Sorocaba de 1903, sendo comprada em meados de 1903 pela firma Ernesto Zscoeckel & Comp. de propriedade do industrial Sr. Hermann Burchard que além de reativá-la, construiu uma fiação e comprou novos teares. Além de Burchard eram sócios da empresa o inglês John Kenworthy e seu genro Alberto.

A presença das indústrias além de contribuir para o desenvolvimento da cidade e atração de novos moradores fez surgir a classe de operários e consequentemente os problemas que permeiam a relação entre burgueses e proletários. Em defesa destes últimos a imprensa operária se destacou e deixou sua marca na história da cidade. Um dos mais importantes defensores dos operários foi o jornal O Operario.

2.3 A imprensa sorocabana - Jornal O Operario[16] e o jornal Cruzeiro do Sul

A classe operária na cidade de Sorocaba se fortaleceu, com a ajuda dos anarquistas que fundaram escolas, ligas operárias, peças de teatros e incentivaram a instrução, ganharam mais representatividade.

Em 18 de julho de 1909, circulou o primeiro número de um jornal que prometia representar a classe operária da cidade, tinha como *slogan* Órgam de Defesa da Classe Operaria. Surgia o jornal O Operario, que explorou as relações antagônicas entre burgueses e proletários, circulou de 1909 a 1913.

Foi duramente criticado nas páginas do jornal Cruzeiro do Sul, brigou e defendeu o operariado, divulgando as condições em que esses infelizes trabalhavam, conseguiu inúmeros inimigos que o fizeram calar em 1913. Seu último exemplar consta de 23 de novembro de 1913.

[16] Manteve-se a ortografia original do nome do jornal sem o acento agudo.

Figura 3. Primeiro número do jornal O Operário.

O OPERARIO

Orgam de Defesa da Classe "Operaria"

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

COLLABORADORES DIVERSOS

ANNO I — SOROCABA, 18 DE JULHO DE 1900 — NUM. 1

"O OPERARIO"

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com o esforço e dedicação do professor e pesquisador Rogério Lopes Pinheiro Carvalho, o jornal O Operario teve quase todos os seus exemplares reunidos em uma edição fac-similar que muito tem colaborado para com os pesquisadores da história e historiografia do movimento operário da cidade de Sorocaba.

O jornal Cruzeiro do Sul seu maior opositor registrou a chegada do O Operario no dia 20 de julho de 1909:

O Operario. Recebemos o primeiro numero d'O Operario, nova folha que acaba de apparecer nesta cidade. Gratos. (O OPERARIO..., 1909, p. 2).

Em seu primeiro número o jornal O Operario, conforme figura 2, já trazia a denúncia sobre uma máquina que oferecia perigo aos trabalhadores, embora isso fosse comum nas fábricas, pois muitas dessas máquinas adquiridas de fábricas inglesas, já estavam obsoletas e por não oferecerem mais condições de segurança aos operários ingleses, eram vendidas as indústrias do Brasil.

Quando o O Operario fez a denúncia, essas máquinas já estavam funcionando aqui na cidade há vários anos e a manutenção delas era bastante precária, nessa época era plenamente utilizada à manutenção corretiva, ou seja, aquela em que se espera a máquina quebrar para então providenciar o seu conserto.

> OPERÁRIOS EM PERIGO
> Consta-nos que em uma fábrica desta cidade o seu proprietário, por economia, utilisa de um motor que não é próprio para fazer trabalhar as machinas que actualmente faz, isto com grande perigo para um menino que, constantemente, refresca com agua fria os mancaes do motor que esquenta muito, devido a força bruta da caldeira que faz o motor trabalhar com uma velocidade fora do comum, [...] O mesmo motor pela grande velocidade que trabalha já fez em estilhaços uma polia, que por extraordinária felicidade não houve o que lamentar.
> Chamamos a attenção das auctoridades para syndicar o facto e obrigar o proprietário a por o motor em segurança para a garantia da vida, em perigo, dos operarios. (CARVALHO (Org.), 2007, p. 3).

Figura 4. Número 1 do jornal Cruzeiro do Sul.

CRUZEIRO DO SUL

ORGAM REPUBLICANO

ANNO I — PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO — Num. I

REDACÇÃO RUA MONSENHOR J. SOARES 25. — SOROCABA, 12 de junho de 1903 — PUBLICAÇÃO DUAS VEZES POR SEMANA

Expediente

O NOSSO PROGRAMMA

A SCIENCIA DOS ESPIRITOS — ELIPHAS LÉVY — Traduzido por Vera Cruz — PRIMEIRA LEGENDA

As festas

CHRONICA

O Jury

Piadas

O pão

Fonte: Disponível em: <http://memoria.cruzeirodosul.inf.br/AcervoDigital_WEB/AcervoPesquisa.jsf>. Acesso em: 20 abr. 2014.

Rebatendo essa primeira denúncia na edição do jornal Cruzeiro do Sul do dia 28 de julho de 1909, aparecia a primeira de uma série de matérias ao longo da vida do O Operário, que procuravam lhe tirar a credibilidade e a representatividade perante a classe operária, como segue a nota impressa no jornal Cruzeiro do Sul:

> Declaração.
> Tendo o jornal “Operario” publicado em seu primeiro numero, que em certa fabrica desta cidade, existe uma machina que offerece grande perigo ao operário que trabalhe e, constando que o mesmo deu informações da referida machina, vem declarar que não deu informação alguma e que a machina esta em perfeito estado.
> Isto a bem da verdade vem afirmar porque foi o mesmo que armou a machina em questão. Sorocaba, 28 de julho de 1909. (SANTOS, 1909, p. 2).

Conforme a figura 4 Jornal Cruzeiro do Sul se apresentava como um órgão republicano, era essencialmente dirigido para difundir as ideias republicanas e os feitos dos correligionários do grupo que o editava.

Assim começava a jornada do O Operario que ao defender a classe operária se confrontava diretamente com a elite dominante, a classe que detinha o poder, poder este que levou à cadeia o seu editor e conseguiram anos depois calar suas páginas.

Seu editor o professor Joseph Joubert Rivier, envolveu-se em uma disputa judicial, e foi condenado a cumprir pena de prisão. O jornal deixa de ser editado de fevereiro a outubro de 1913, reparecendo em 26 de outubro de 1913, e trazendo em sua primeira página:

> Reapparecendo!
> [...] Como soldado heroe, que ferido pelo inimigo volta ao acampamento em busca do leito e do soccorros necessários mas com a esperança e fé inabalável de que hade voltar mais tarde para occupar o seu posto de honra no campo da lucta; assim também “O Operario” depois de sustentar renhida lucta por cinco longos annos, enfrentando os maiores sacrifícios, sentindo-se um tanto cansado procurou repouso mais com firme e inabalável convicção que mais tarde havia de voltar a lucta resoluto e forte. [...] enfrentaremos os inimigos, do operariado, essa órda de politiqueiros que só vivem a semear a dor, à miséria, o lucto e desespero no seio da família operaria. (CARVALHO (Org.), 2007, p. 558).

O jornal O Operario era impresso na tipografia O Clarim da Luz, que editava o jornal de mesmo nome e tinha o espiritismo como sua filosofia. O Operario, inicialmente se declara socialista, ao longo de sua vida notou-se sua passagem pelo anarquismo, em alguns textos admitisse a crença em Deus, contrapondo-se ao ateísmo pregado pelos anarquistas. Sua tendência ao Anarquismo era mais moderada, talvez pela influência do espiritismo.

A verdade é que o jornal O Operario foi de grande valia, denunciando e combatendo a exploração da mão de obra, tanto dos adultos quanto das crianças, em suas páginas começou a luta pela jornada de oito horas diárias, para que os operários tivessem tempo para o lazer e, sobretudo que pudessem frequentar uma escola e dessa forma se livrar da escuridão do analfabetismo.

Seus redatores tinham a plena convicção de que a instrução do proletariado os levaria a compreender sua condição de explorado pela burguesia, e assim poderiam revindicar melhorias e condições mais humanas para eles e para todos os trabalhadores no futuro.

> Aos operarios.
> [...] Pois, operarios, si estamos em pleno seculo XX, seculo que se diz das luzes, por que é que não havemos de mostrar, erguer bem alto o nosso brio, a nossa dignidade porque é?
> Não operarios, devemos alargar, espichar, por assim dizer, o nosso horisonte moral e intellectual, para que possamos attingir o nosso destino individual e social.
> Por conseguinte, caros companheiros, para que possamos ter um futuro brilhante, estudemos, unamo-nos e sejamos bem unidos, fortes, e só assim então teremos conseguido todos os nossos ideaes que são: - Liberdade, Igualdade e Fraternidade! – Fernando – (CARVALHO (Org.), 2007, p. 302).

O jornal O Operario se dizia apolítico, ou seja, que não teria nenhuma ligação com partidos políticos, seria isento quanto à orientação política. É notório que se o jornal era oposição à burguesia consequentemente era oposição à classe dominante no município, dessa forma o jornal amealhou inimigos políticos, visto que o seu maior opositor, o jornal Cruzeiro do Sul, que também se dizia apolítico, pertencia a um grupo político da cidade.

Aliás, os jornais da época se diziam apolíticos, na verdade eram montados para defender e difundir ideias políticas, criticar a oposição e fazer campanha política, em

seu primeiro número tanto O Operario quanto o Cruzeiro do Sul declaravam suas intenções não políticas:

> O NOSSO PROGRAMA
> De longa data acariciavamos a idéia de publicar uma folha que não estivesse adstricta a conveniencias de partidos politicos; que não existisse por si, sem depender senão de apoio publico; que dissesse o que precisa dizer, e que defendesse com hombridade os interesses do Direito e da Justiça.
> Essa idéia realizamos agora com a publicação do *Cruzeiro do Sul*.
> [...] Não é orgão partidario: é uma folha republicana e nada mais.
> [...] Até onde lhe fôr possível, defenderá com independência os direitos do povo, garantidos pela Lei, e pugnará em prol das classes opprimidas. (O NOSSO... 1903, p. 1).

Dizia O Operario em seu primeiro número ao apresentar o objetivo do jornal:

> Não pretendo, ostensivamente, qualquer ligação partidaria no municipio, porque nosso fito é outro, teremos, todavia, em occasiões opportunas, de lançar a publico uma serie de verdades orientadoras da conducta do operariado, cuja educação cívica percisa ser completada, nem tanto para o conhecimento lúcido de seus deveres para com a Patria, quanto para a propria valorisação individual, de que resultará, integra e perfeita, a concepção de seus direitos de espírito e de consciencia. (CARVALHO (Org.), 2007, p. 1)

Embora se declarassem apartidários, inevitavelmente os editores dos jornais, se metiam na política. Segundo o historiador Aluísio de Almeida (1969), em seu livro História de Sorocaba, o jornal Cruzeiro do Sul nasceu de uma dissidência do Partido Republicano Paulista (P.R.P.).

Dessa forma percebe-se que a política está inserida no contexto histórico das lutas dos operários, influenciando plenamente os ideais do Movimento Operário Sorocabano, inicialmente o Cruzeiro do Sul fazia forte oposição ao Jornal O 15 de Novembro, com o fim deste, passou a combater O Operario.

2.4 A Escola Moderna – O Anarquismo em Sorocaba

Os anarquistas tinham preocupação com a instrução do proletariado e cientes da carência e do modelo de ensino ofertado na época, eles abriram suas próprias escolas denominadas de Escolas Modernas, onde os ensinamentos ministrados procuravam

despertar o senso crítico e assim proporcionar aos alunos uma visão mais realista da situação em que se encontrava o proletariado, enquanto classe social.

Há informações de que houve em Sorocaba Escolas Modernas por volta de 1912, sendo a mais conhecida a da Chácara De Cária. “Destacamos a criação de uma escola moderna em Votorantim, para ambos os sexos e, uma outra em S. Rosália.” (CARVALHO (Org.), 2007, p. 435).

Com as notícias da execução de Ferrer, possivelmente os espanhóis se sentiram intimidados, e também com a marcação cerrada das autoridades brasileiras, que combatiam os anarquistas com prisões e deportações. Logo voltaram a se reunir e a determinar seus objetivos, muitas dessas reuniões aconteciam na Chácara De Cária que pertencia ao Italiano Vicente De Cária, um anarquista convicto que inclusive colocou o nome de sua filha Anarchia.

> Em Sorocaba não foi diferente. A presença do imigrante espanhol entre anarquistas e comunistas na liderança de greves e dos movimentos operários sempre foi marcante. Centro operário por excelência, a cidade foi palco de extremadas lutas de classe, com greves constantes e confrontos entre operários e policiais, o que lhe valeu o apelido de “Moscou brasileira”. E à frente sempre tinha um espanhol. (OLIVEIRA, 2002, p.117)

A chácara ficava no reduto espanhol, o bairro da Caputera, inserido no Além Ponte, onde se refugiavam anarquistas perseguidos, entre eles estavam o líder anarquista José Oiticica, o espanhol João Perdigão Gutierrez, pedreiro na cidade de Santos e que se tornou genro de De Cária, casando-se com sua filha Anarchia. Antônio Prado Gutierres líder anarquista que teve forte atuação no meio operário em Sorocaba, também buscou abrigo na chácara.

> De repente, alguém dava o alarme: polícia à vista! Seguia-se um corre-corre na chácara de Vicente De Cária, na Caputera. Homens, mulheres e crianças corriam para o mato, os homens para se esconderem e as mulheres e crianças para enterrar, entre as árvores, malas de livros e revistas, que pudessem comprometer o dono da chácara. Era assim que terminavam as reuniões de anarquistas na chácara do italiano Vicente De Cária. (OLIVEIRA, 2002, p. 121)

A União Operária de Sorocaba empenhava-se em abrir na cidade várias salas da Escola Moderna. Aproveitando-se da carência de escolas na cidade, eram abertas

principalmente próximas às indústrias, visto que seu objetivo era a educação e a instrução da classe operária.

> União Operaria.
> Realisou-se no dia 7 do corrente na séde social, a assembléa geral ordinaria dessa associação o qual esteve bastante concorrida e os debates calorosos que versavam sobre diversos assumptos de capital importancia.
> Destacamos a creação de uma escola moderna em Votorantim, para ambos os sexos e, uma outra em S. Rosalia. (CARVALHO (Org.), 2007, p. 435).

A União Operária de Sorocaba, era também chamada de Liga Operária de Sorocaba, preocupava-se com a instrução do operariado sorocabano, Joseph Revier foi professor nessa associação operária.

> Notas... a Vapor.
> Temos a grata satisfação em communicar aos nossos queridos leitores que entrou para o corpo de collaboradores d'Operario, o ardoroso publicista, e vibrante orador, Snr. Joseph Revier atualmente professor da Liga Operaria de Sorocaba. Joseph Revier é um nome bastante conhecido nas lides da imprensa Operaria, luctador franco leal e desinteressado. (CARVALHO (Org.), 2007, p. 435).

Inicialmente as Escolas Modernas foram aceitas pelo governo, ou porque desconheciam suas ligações com o anarquismo, ou pelo fato do governo não ter condições de abrir mais escolas, aceitava a sua instalação, até mesmo verbas e materiais escolares eram destinados às Escolas Modernas.

Noticias. A Escola Moderna da União Operaria, recebeu do Governo do Estado um bom sortimento de material escolar. Em vista da valiosa offerta, a União Operaria, officia ao Secretário do Interior agradecendo. (CARVALHO (Org.), 2007, p. 439).

A Escola Moderna trouxe para o seio do proletariado a reflexão e a análise de sua condição enquanto ser explorado por patrões e governantes. Em suas reuniões a União Operária de Sorocaba deixou claro qual é o nível de instrução e de reflexão sobre os problemas e dilemas do operariado, foram debatidos temas como a questão social, a necessidade da instrução do operário, críticas ao clero, Revolução Social no México, a emancipação da mulher, a Escola Moderna e o seu valor e a anarquia filosófica.

> União Operaria.
> Com assistencia de um elevado numero de socios e socias e gentillissimos convidados, realisou-se sábbado 18 do corrente a costumada *Velada mensal da União Operaria* d'esta cidade.
> [...] Pedro de Oliveira Mesquita que n'uma pequena conferencia discorreu sobre a *Escravidão moderna e a antiga*. [...] Fallaram mais, as gentis operarias: Faustina Scamussi, que pronunciou um formoso discurso sobre a questão social.
> Isaura Gomes de Freitas, que falou sobre a necessidade da instrucção no seio operario recebendo muitas palmas.
> Maria Luna, que brilhantemente discorreu sobre o clero convencendo o audictório que o padre em nenhum tempo se intereçou pela classe proletaria.
> Maria da Conceição que discorreu sobre as trez virtudes theologaes n'uma eloquencia apostolica.
> Maria José Dias que com sua vos clara e palavra simples enthusiasmou os presentes discorrendo sobre a União.
> Thereza Peres, sobre a revolução social do Mexico sendo muito feliz em sua peroração.
> Maria Munhoz, sobre a emancipação da mulher.
> Luiza Candiota, uma criancinha pode-se dizer, arrebatou do grande audictorio uma tempestade de palmas, discorrendo sobre a Escola Moderna e o seu valor.
> O menino João Martins que fallou, sobre a anarchia filosofica.
> Todos os oradores e oradoras foram vivamente applaudidos com verdadeiro enthusiasmo pelos presentes.
> As gentis e inteligentes companheiras acima, bem assim o ultimo menino João Martins são alumnos do distincto e esforçado professor da União Operaria, Snr. Joseph Revier.
> Em seguida um animado baile.
> Foi enfim, uma festa encantadora. (CARVALHO (Org.), 2007, p. 453).

Por disseminar o pensamento anarquista, a Escola Moderna foi alvo de ações governamentais. A lei n. 1.579 de 19 de dezembro de 1917, estabelecia que os estrangeiros não poderiam abrir escolas, sem que antes apresentassem suas folhas corridas e conseguissem provar que conheciam praticamente a língua portuguesa.

> LEI N. 1.579, DE 19 DE DEZEMBRO DE 1917
> Estabelece diversas disposições sobre a instrucção publica do Estado
> O Doutor Altino Arantes, Presidente do Estado de São Paulo
> Faço saber que o Congresso Legislativo decretou e eu promulgo a lei seguinte:
> [...] D – DA REGULAMENTAÇÃO DO ENSINO PARTICULAR
> Artigo 30. – Nenhum estabelecimento particular de ensino primario ou secundario poderá ser installado no Estado sem prévia auctorização da Directoria Geral da Instrucção Publica, que somente poderá concedel-la mediante requerimento a que o interessado juntar os seguintes documentos:
> I. – Attestado ou títulos que provem a capacidade moral e technica do director e dos professores;
> II. – Planta do predio em que haja de funccionar a escola, instruída com relatorio do inspetor medico escolar sobre as condições hygienico-pedagogicas do mesmo;

> III. – Compromisso de confiar a professores brasileiros o ensino de Portuguez, Geographia e Historia do Brasil, bem como de fazer que todo o ensino, salvo em se tratando de línguas extrangeiras, seja ministrado em idioma patrio.
> Artigo 31. – No caso de infracção do disposto no artigo antecedente, o director geral da Instrucção Publica applicará aos directores e professores faltosos multas de cem a quinhentos mil réis; e, si houver reincidencia, suspenderá o funccionamento da escola, ou determinará o seu definitivo fechamento.
> Artigo 32. – Aos directores dos estabelecimentos de ensino já existentes será marcado prazo para, sob as penas da lei, satisfazerem as exigencias nos ns. I, II, III do artigo 30.
> Artigo 33. – Da denegação da auctorização de que trata o art. 30., bem como da imposição das multas e penas do art. 31, haverá recurso facultativo para o Secretario do Interior. (SÃO PAULO (Estado), 1917)

Também vinculavam os anarquistas com perigosos fabricantes de explosivos, portanto eram uma ameaça à população, e como tal deveriam ser eliminados e vigiados, para que não propagassem as ideias anarquistas e liberais.

> Graças a estas medidas, poude o Governo impedir que funccionassem, nesta Capital e no interior, varias escolas particulares dirigidas por anarchistas fabricantes de explosivos, e que foram suspensos em virtude de requisição do Dr. Secretário da Justiça e Segurança Publica. (ANNUARIO... 1919, p. 113).

Os anarquistas sorocabanos, como seus conterrâneos espanhóis, também queriam que, por meio da instrução e da educação, as pessoas refletissem sobre seus direitos, fossem livres, recebessem instrução e pudessem escolher seu destino. A preocupação dos anarquistas era de que a população sem instrução e ignorante de seus direitos, fosse manipulada por patrões ou por pessoas ligadas a partidos políticos com a finalidade de usá-la como massa de manobra para atingir seus objetivos pessoais.

> A infância operaria de Sorocaba
> O operariado preciza de instrução para não ser tão explorado. Porque é que nos exploram os burguezes? Não é pela nossa falta de preparo para protestarmos? Os ricos querem a ignorancia porque ella reinando entre nòs (os operarios) eles tem a machina inconsciente para trabalhar a sua vontade. Companheiros, meus irmãos de classe, quebrae essas argemas que prendem os vossos pulsos e gritae bem alto. Queremos a nossa liberdade e a Instrução para nossos filhos. (CARVALHO (Org.), 2007, p. 151).

Oliveira (2002, p. 121) cita um poema encontrado nas anotações de José Prado Gutierres, que expressa muito bem o ideal anarquista,

> Se queres de um escravo,
> Fazer um herói, um bravo,
> Um astro desta nação.
> E de seus braços convulsos,
> Tirar os ferros dos pulsos,
> Metei-lhe um livro na mão.

Para que o ideal anarquista na questão da instrução e educação do operário fosse concretizado, era necessário tomar algumas medidas em relação ao trabalho de crianças nas fábricas, que para complementar o parco orçamento doméstico eram incentivadas a trabalhar desde cedo em jornadas de 12, 14 e até 15 horas de trabalho, ou seja, das 5 horas da manhã até às 20 horas da noite.

> Oito horas de trabalho às creanças.
> Por certo que não podemos deixar de compartilhar na dôr que soffrem esses operarios pais de familia que, sendo muito mal remunerados nas officinas fabricas onde trabalham, veem-se obrigados a collocar seus innocentes filhinhos nesses estabelecimentos fabris. [...] Portanto, essas creanças estão condenadas a viver sempre, na escuridão da ignorancia?!... Não; os senhores patrões compadecer-se hão dellas, e lhes consederão-as OITO HORAS DE TRABALHO, cumprindo, assim dizer, um dos mais sagrados deveres! – compadecendo, pois dessas mizeras creancinhas, dessas victimas do trabalho... (CARVALHO (Org.), 2007, p. 75).

O Movimento Operário sorocabano empunhou a bandeira das 8 horas diárias de trabalho tanto para adultos, quanto para as crianças e também a proibição de que as crianças com até 12 anos trabalhassem nas fábricas.

O jornal O Operário publicou uma nota em que fazia menção a uma lei que foi regulamentada no Egito, onde se proibia que crianças com menos de 9 anos trabalhassem nas fábricas de fiação egípcias, e que as crianças que estavam na faixa etária entre 9 e 13 anos, só poderiam trabalhar mediante a apresentação obrigatória de um atestado, onde o médico deveria atestar que o trabalho não afetaria a saúde da criança, e que a jornada de trabalho deveria acontecer somente durante o dia, e não exceder às 8 horas diárias:

> O trabalho das creanças no Egypto.
> Uma lei recente acaba de regulamentar o trabalho das creanças nas fabricas de fiação, no Egypto. É prohibido de agora em deante, occupar as creanças de menos de 9 annos. As de 9 a 13 annos são obrigadas a apresentar uma certidão medica affirmando que o trabalho não poderà prejudicar a saude. Emfim, o dia de trabalho não poderà exeder de oito horas, sendo prohibida toda occupação á noite. (CARVALHO (Org.), 2007, p. 171).

A jornada de trabalho acima de 8 horas diárias, trazia a tona vários problemas que motivavam longos editoriais no jornal O Operário; havia a preocupação com os adultos analfabetos que após longas jornadas de trabalho, não encontravam forças para frequentar as escolas e se alfabetizarem; como também as crianças que da mesma forma não seriam alfabetizadas, além do que, essas exaustivas horas de trabalho, consequentemente afetavam o desenvolvimento físico e intelectual.

3 PRIMÓRDIOS DA INSTITUCIONALIZAÇÃO ESCOLAR EM SOROCABA

A instrução pública na cidade de Sorocaba remonta a sua fundação. Sempre houve na cidade a preocupação com a instrução escolar. Já em 1641 houve um exame para que dona Vicentina Adelaide de Vasconcelos fosse autorizada a abrir uma escola de primeiras letras na cidade. E em 1834 havia na cidade duas escolas de primeiras letras, sendo uma feminina e outra masculina.

> Instrução Pública
> Dona Vicentina Adelaide de Vasconcelos, a 30 de Agosto de 1641, prestou exame perante os doutores José Maria de Souza e Vicente Eufrásio da Silva Abreu e entrou na posse da 1ª cadeira feminina de primeiras letras. Mas havia, já em 1834, duas escolas: masculina e feminina. (ALMEIDA, 2002, p. 195)

Essas escolas de primeiras letras deram início às escolas isoladas, onde o professor alugava uma casa para esse fim, ou usava um dos aposentos de sua própria residência.

3.1 Escolas de primeiras letras - Escolas isoladas

A criação das escolas isoladas remonta ao tempo do Império, mais precisamente com a promulgação da Lei do dia 15 de Outubro de 1827 em que o Imperador Dom Pedro I regulamentou a escola primária elementar, essa lei trazia em seu texto que em todas as partes do país deveriam ser abertas escolas de primeiras letras, tantas quanto fossem necessárias.

A gratuidade do ensino primário já estava assegurada na Constituição de 1824, porém, não havia escolas suficientes para atender ao grande contingente de nacionais e estrangeiros analfabetos.

As escolas de primeiras letras visavam criar no Brasil Imperial uma estrutura educativa, visto que serviram também para dar ao povo menos abastado, instrução e

que os mesmos tivessem o sentimento de nacionalismo, pois o país recém-independente, precisava se firmar como nação.

> Tendo o Brasil se tornado independente de Portugal em 7 de setembro de 1822, impunha-se organizar como Estado a nova nação, o que implicava a promulgação de uma Constituição própria. Para tanto, foi convocada por decreto de Dom Pedro I, de 3 de junho de 1823, a Assembleia Nacional Constituinte e Legislativa. Em discurso na inauguração dos trabalhos da Assembleia, D. Pedro assinalou a necessidade de uma legislação especial sobre instrução pública. (SAVIANI [*et al*.], 2006. P. 11)

Portanto, em 15 de outubro de 1827 foi promulgada a Lei que estabelecia a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades do país. Por ter sido de grande relevância para o aprimoramento da educação no Brasil, segue o texto original da lei que deu origem as escolas de primeiras letras e que posteriormente passou a ser denominada de escola isolada, visto que foi necessária essa alteração para diferenciá-la das escolas reunidas.

> Lei de 15 de Outubro de 1827
> Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio.
> Dom Pedro, por Graça de Deus, e unanime acclamação dos povos, Imperador Constitucional, e Defensor Perpetuo do Brazil: Fazemos saber a todos os nossos subditos, que a Assembléa Geral decretou, e nós queremos a lei seguinte:
> Art 1º Em todas as cidades, villas e logares mais populosos, haverão as escolas de primeiras letras que forem necessarias.
> Art 2º Os Presidentes das provincias, em Conselho e com audiencia das respectivas Camaras, emquanto não tiverem exercicio os Conselhos geraes, maracarão o numero e localidades das escolas, podendo extinguir as que existem em logares pouco populosos e remover os Professores dellas para as que se crearem, onde mais aproveitem, dando conta á Assembléa Geral para final resolução.
> Art 3º Os Presidentes, em Conselho, taxarão inteiramente os ordenados dos Professores, regulando-os de 2004000 a 500$000 annuaes: com attenção ás circumstancias da população e carestia dos logares, e o farão presente á Assembléa Geral para a approvação.
> Art 4º As escolas serão de ensino mutuo nas capitaes das provincias; e o serão tambem nas cidades, villas e logares populosos dellas, em que fór possivel estabelecerem-se.
> Art 5º Para as escolas do ensino mutuo se applicarão os edifficios, que houverem com sufficiencia nos logares dellas, arranjando-se com os utensillios necessarios á custa da Fazenda Publica e os Professores; que não tiverem a necessaria instrucção deste ensino, irão instruir-se em curto prazo e á custa dos seus ordenados nas escolas das capitaes.
> Art 6º Os Professores ensinarão a ler, escrever as quatro operações de arithmetica, pratica de quebrados, decimaes e proporções, as nações mais

geraes de geometria pratica, a grammatica da lingua nacional, e os principios de moral christã e da doutrina da religião catholica e apostolica romana, proporcionandos á comprehensão dos meninos; preferindo para as leituras a Cosntituição do Imperio e a Historia do Brazil.

Art 7º Os que pretenderem ser providos nas cadeiras serão examinados publicamente perante os Presidentes, em Conselho; e estes proverão o que fôr julgado mais digno e darão parte ao Governo para sua legal nomeação.

Art 8º Só serão admittidos á opposição e examinados os cidadãos brazileiros que estiverem no gozo de seus direitos civis e politicos, sem nota na regularidade de sua conducta.

Art 9º Os Professores actuaes não seram providos nas cadeiras que novamente se crearem, sem exame e approvação, na fórma do art. 7º.

Art 10º Os Presidentes, em Conselho, ficam autorizados a conceder uma gratificação annual, que não exceda á terça parte do ordenado, áquelles Professores, que por mais de doze annos de exercicio não interropindo se tiverem distinguindo por sua prudencia, desvelos, grande numero e approveitamento de discipulos.

Art 11º Haverão escolas de meninas nas cidades e villas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessario este estabelecimento.

Art 12º As mestras, além do declarado no art 6º, com exclusão das noções de geometria e limitando a instrucção da arithmetica só as suas quatro operações, ensinarão tambem as prendas que servem á economia domestica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquellas mulheres, que sendo brazileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimentos nos exames feitos na fórma do art. 7º.

Art 13º As mestras vencerão os mesmos ordenados e gratificações concedidas aos Mestres.

Art 14º Os provimentos dos Professores e Mestres serão vitalicios; mas os Professores em Conselho, a quem pertence a fiscalização das escolas, os poderão suspender, e só por sentenças serão demittidos, provendo inteiramente quem substitua.

Art 15º Estas escolas serão regidas pelos estatutos actuaes no que se não oppozerem á presente lei; os catigos serão os praticados pelo methodo de Lancaster.

Art 16º Na provincia, onde estiver a Côrte, pertence ao Ministro do Imperio, o que nas outras se incumbe aos Presidentes.

Art 17º Ficam revogadas todas as leis, alvarás, regimentos, decretos e mais resoluções em contrario.

Mandamos portanto a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir, e guardar tão inteiramente como nella se cóntem. O Secretario de Estado dos negocios do Imperio a faça imprimir, publicar e correr. dada no Palacio do Rio de Janeiro aos 15 dias do mez de Outubro de 1872, 6º da Independencia e do Imperio.

IMPERADOR com rubrica e guarda.

Visconde de S. Leopoldo.

Carta de lei, pela qual Vossa Magestade da Assembléa Geral Legislativa,que Houve por bem sanccionar, sobre a creação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do imperio, na fórma acima declarada.

Para Vossa Magestade Imperial ver.

Joaquim José Lopes a fez.

Registrada a fl. 180 do livro 4º de registro de cartas, leis e alvarás.- Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio em 29 de Outubro de 1827.- Albino dos Santos Pereira.

Monsenhor Miranda.

> Foi publicada esta carta de lei nesta Chancellaria-mór do Imperio do Brazil. - Rio de Janeiro, 31 de Outubro de 1827.- Francisco Xavier Raposo de Albuquerque.
> Registrada na Chancellaria-mór do Imperio do Brazil a fl. 85 do Livro 1º cartas, leis, e alvarás.- Rio de Janeiro, 31 de Outubro de 1827.- Demetrio José da Cruz.(BRASIL, 1827).

As escolas de primeiras letras não conseguiam atender ao seu propósito principal, ou seja, alfabetizar a grande massa da população que continuava analfabeta e longe dos bancos escolares. O governo não dava conta de abrir escolas em número suficiente para atingir seu objetivo e que também a escola de primeiras letras não despertava o interesse da população, devido à precariedade de instalações, material didático e até mesmo pela falta de qualificação de muitos professores.

> Criticava ainda a situação miserável das escolas paulistas: sem casa, sem mobília, sem aparelhos de ensino e com base no ensino individual: “quem já viu nas escolas públicas mapas de história natural, aparelhos para a educação dos sentidos, museus escolares, quem já viu uma esfera terrestre, um aparelho mecânico para a explicação intuitiva dos movimentos celestes, um simples instrumento de física ou um insignificante laboratório químico?” (SOUZA, 1998, p. 42)

Com a Proclamação da República em 1889, o problema do analfabetismo veio à tona e se tornou o alvo dos republicanos que viam na educação e na erradicação do analfabetismo o motor que faria com que o progresso e o desenvolvimento da nação se concretizassem, visto que para consolidar a República, a participação popular era necessária e primordial, portanto, somente o cidadão alfabetizado e cônscio de seus direitos cívicos, estaria apto a votar e eleger seus representantes por meio do voto direto.

> Um amplo projeto civilizador foi gestado nessa época e nele a educação popular foi ressaltada como uma necessidade política e social. A exigência da alfabetização para a participação política (eleições diretas), tornava a difusão da instrução primária indispensável para a consolidação do regime republicano. (SOUZA, 1998, p. 27)

As escolas isoladas com o passar do tempo apresentaram muitas deficiências, visto que se constatou que abrir novas escolas isoladas tinha um custo elevado. A

vigilância e o controle sobre os professores era difícil de ser executada, e muitas escolas mudavam constantemente de lugar e desta forma caíram no descrédito popular.

Em Sorocaba havia cerca de 24 escolas isoladas, segundo o Anuário do Ensino do Estado de São Paulo do ano de 1919. As escolas isoladas eram separadas em distritais ou urbanas e rurais e assim eram oito distritais e dez rurais, conforme quadros 1 e 2.

Quadro 1. Escolas isoladas distritais ou urbanas de Sorocaba em 1919.

Bairro	Classificação	Docente responsável
Terra Vermelha	Feminina	Catharina Bruno
Terra Vermelha	Mista	Donaira Rolim
Terra Vermelha	Masculina	Eurico Mendes
Salto de Pirapora	Mista	Martha Pereira
Cerrado	Mista	Amelia de Medeiros Cruz
Aparecida	Feminina	Maria José Pereira Kouger
Aparecida	Masculina	Heitor Lisboa
Vila Silveira	Mista	Cynira Azevedo Screpel

Fonte: Adaptado de Annuario do Ensino do Estado de São Paulo – 1919, p. 529.

Quadro 2. Escolas isoladas rurais de Sorocaba em 1919.

Bairro	Classificação	Docente responsável
Passa Três	Mista	Anna Lopes Monteiro
Balduino	Mista	Maria Eulina Pedroso
Villeta	Mista	Nair Monteiro
Itupararanga	Mista	Maria Aucilladei Pilar
Primeira do Votorantim	Masculina	Antonio Funes
Primeira do Votorantim	Feminina	Abigail Eugenia de Jesus
Segunda do Votorantim	Feminina	Adelia Esteves Molina
Segunda do Votorantim	Masculina	Abimael de Campos
Terceira do Votorantim	Feminina	Luiza Rio Funes
Votorantim	Mista	Alice B. Monteiro de Moraes

Fonte: Adaptado de Annuario do Ensino do Estado de São Paulo – 1919, p. 529.

Havia ainda em Sorocaba escolas isoladas noturnas que se apresentavam da seguinte forma, quatro urbanas e duas rurais, conforme quadro 3.

Quadro 3. Escolas isoladas noturnas de Sorocaba em 1919.

Zona	Tipo	Docente responsável
Urbana	1ª Noturna para adultos masculina	Jocelyno de Proença
Urbana	2ª Noturna para adultos masculina	José Lopes Monteiro
Urbana	1ª Noturna para adultos feminina	Francisca Antunes dos Santos
Urbana	2ª Noturna para adultos feminina	Aurora Soares Monteiro
Rural	Noturna de Santa Rosália	Abdiel Lopes Monteiro
Rural	Noturna do Votorantim	Nestor Grockmann

Fonte: Adaptado de Annuario do Ensino do Estado de São Paulo – 1919, p. 547.

A escola isolada tinha como característica as funções desempenhadas pelo único professor, que lecionava as aulas, registrava a presença dos alunos, redigia os relatórios, controlava e fazia os pedidos de materiais e era também responsável por organizar os horários, programas e manter o espaço físico em ordem.

O problema enfrentado pelos legisladores, governantes e educadores era que as escolas isoladas não atendiam plenamente aos ideais republicanos.

> É assim que a escola primária adquire uma finalidade cívica, moral e instrumental. Para cumprir tão elevado desígnio era preciso fundar uma escola identificada com os avanços do século, uma escola renovada nos métodos, nos processos de ensino, nos programas, na organização didático-pedagógica; enfim, uma escola moderna em substituição à arcaica e precária escola de primeiras letras existente no império. (SOUZA, 1998, p. 28 e 29)

A solução encontrada inicialmente pelos republicanos foi copiada de países mais avançados, a reunião de várias escolas isoladas em um só prédio, substituindo o método individual pelo método simultâneo, surge as escolas agrupadas que posteriormente ficaram conhecidas como escolas reunidas.

3.2 Escolas agrupadas – Escolas reunidas

No Anuário do Ensino do Estado de São Paulo de 1918 é apresentada a situação em que se encontravam as escolas públicas no estado, nele também foi discutida a necessidade de mudanças que visassem o aperfeiçoamento dos métodos de ensino e que encontrasse a solução para a erradicação do analfabetismo.

Segundo o levantamento feito pela Diretoria Geral da Instrução Pública no ano de 1918, existiam no estado de São Paulo 480.164 crianças em idade escolar dos 7 aos 12 anos. Desse total frequentaram as escolas tanto públicas quanto particulares 232.621 crianças, e ficaram sem frequentar uma escola cerca de 247.543 crianças, portanto as escolas instaladas no estado de São Paulo atendiam somente cerca de 51,5% da população infantil em idade escolar.

Esses dados preocupavam os legisladores, visto que era bastante relevante e algo precisava ser feito com a máxima urgência, pois uma nação em desenvolvimento que começava a despertar o interesse de capitalistas em investir no país, precisava se livrar o quanto antes do maior problema que atormentava as mentes dos que se preocupavam com o progresso da nação, acabar com o analfabetismo.

> É, pois, dolorosa a situação dessas crianças, - cidadãos de amanhã -, condemnadas ao analphabetismo, e que, dentro em pouco, ultrapassando o periodo da idade do ensino obrigatorio, irão augmentar o numero de adultos analphabetos, que mourejam no Estado, sem ambições, indifferentes, de todo em todo, ás cousas e homens do Brasil, constituindo-se, assim, outros tantos factores negativos do nosso progresso.
> [...] É triste confessar tudo isso, mas é preciso fazê-lo, francamente, impavidamente, para o estudo e descoberta de remedios decisivos, energicos, contra o maior mal do Estado, que é tambem o maior de todo o Brasil: O analphabetismo.
> Estudado e resolvido, entre nós, assumpto de tamanha importância, teremos contribuido para a solução em todo o Brasil. É sabido que delle dependem todos os problemas de uma nação, principalmente os que se referem aos de ordem economica. (ANNUARIO...1918, p. 19)

Os republicanos tinham a plena convicção de que a escola era o elemento decisivo e impulsionador do progresso da nação. A luta pela erradicação do analfabetismo tomou corpo no processo civilizador, toda atenção se voltou para a escola, todo o empenho foi direcionado em resolver a questão do analfabetismo.

> No bojo desse processo, a escola primária foi “(re)inventada”: novas finalidades, outra concepção educacional e organização do ensino. O método individual cedeu lugar ao ensino simultâneo; a escola unitária foi, paulatinamente, substituída pela escola de várias classes e vários professores, o método tradicional dá lugar ao método intuitivo, a mulher encontrou no magistério primário uma profissão, os professores e professoras tornaram-se profissionais da educação. (SOUZA, 1998, p. 29)

Embora houvesse quem ainda defendesse a criação de escolas isoladas, chegou-se a conclusão de que estas não seriam suficientes para atender toda a demanda criada pela necessidade de se acabar com o analfabetismo no estado. Em 1918, segundo o Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, funcionavam nos 196 municípios paulistas 3.249 escolas primárias, compostas por escolas do estado, municipais e particulares, e estavam dispostas conforme o quadro 4,

Quadro 4. Escolas primárias no estado de São Paulo em 1918.

Setor	**Tipo**	**Quantidade**
Estadual	Grupos Escolares	176
Estadual	Escolas Reunidas	31
Estadual	Escolas Isoladas	1.595
Municipal	Escolas	358
Particular	Escolas	1.089
	Total	3.249

Fonte: Adaptado do Annuario do Ensino do Estado de São Paulo – 1918, p. 25.

Nessa discussão sobre o que deveriam fazer para sanar o problema da falta de escolas, visto que para atender toda a demanda escolar, havia a necessidade da criação de mais escolas. Porém o estado não suportaria mais essa despesa, pois além do crescimento da demanda devido ao nascimento das crianças, também o estado de São Paulo tinha um grande contingente de imigrantes que procuravam nele fixar moradia.

Tanto as escolas isoladas quanto as escolas reunidas apresentavam um problema, ou seja, a falta de fiscalização sobre o trabalho dos professores. Era comum reclamações referente à falta de assiduidade de alguns professores, fator este que os grupos escolares com a criação da figura do diretor, haviam resolvido, dando aos grupos escolares mais credibilidade, em relação às escolas isoladas ou reunidas.

> Não são raras as denuncias contra professores, por falta de assiduidade. Tratando-se de averiguar-lhes o gráu de procedencia, descobre-se que taes funccionarios recebem, todos os mezes, attestados, e, por vezes, sem mencionar uma unica falta! E casos ha em que o denunciante é o proprio Inspector Municipal. (ANNUARIO... 1919, p. 40)

Portanto os grupos escolares pela sua estrutura, pela capacidade de atender um número maior de alunos, eram mais econômicos em relação às escolas isoladas e escolas reunidas. O melhor aparelhamento dos grupos escolares acabou atraindo a atenção dos pais, que queriam ver seus filhos matriculados nesse tipo de escola.

2.3 A formação dos Grupos Escolares

Os Grupos Escolares surgiram na administração de Bernardino de Campos, então presidente do Estado de São Paulo que promulgou a Lei nº 169 de 07 de Agosto de 1893, na qual seriam agrupadas as escolas isoladas em um único prédio e sob uma única administração exercida por um diretor de escola. Apareceu pela primeira vez a figura do diretor de escola.

Conforme Saviani, *et al* (2006, p. 113),

> No âmbito das instituições escolares, a criação dos grupos escolares foi o marco da modernização educacional paulista. A superioridade organizacional e material dos grupos escolares fez com que fossem considerados estabelecimentos escolares arquétipos do que melhor havia no ensino público primário.

Como de praxe, os municípios não estavam preparados para assumir a construção de prédios para abrigarem os Grupos Escolares, visto que na Lei 169 de 07 de Agosto de 1893, trazia a seguinte redação:

> Artigo 1º
> §1º. Nos logares em que, em virtude da densidade da população, houver mais de uma escola no raio fixado para a obrigatoriedade, o Conselho poderá fazêl-as funccionar em um só predio, para esse fim construindo no ponto que for mais conveniente.

Já no Decreto 248 do Regimento Interno das Escolas Públicas de 26 de Julho de 1894 em seu Artigo 81, trazia nova redação referente à criação dos Grupos Escolares, foi inserido o termo “[...] o Conselho Superior poderá fazê-las funcionar em um só prédio para esse fim construído **ou adaptado**. Tais escolas terão a denominação de “Grupo Escolar” com a sua respectiva designação numérica em cada localidade.”

Nota-se que na segunda redação foi acrescentada a palavra ‘adaptado’ pois havia a dificuldade de se construir prédios destinados exclusivamente aos Grupos Escolares, então se entendeu por bem, que seria tolerável adaptar algum prédio já existente, dessa forma ficaria mais econômico para as Câmaras Municipais e haveria mais grupos em intervalos menores de tempo.

Os Grupos Escolares, além de serem considerados como alavancadores da educação primária, também traziam o estigma da marca da modernidade e a cara da República.

No Anuário do Ensino do Estado de São Paulo de 1914 o então Diretor Geral da Instrução Pública João Chrysostomo Bueno dos Reis Junior, no relatório apresentado ao Secretário do Interior, ressalta que embora as escolas isoladas e as escolas reunidas fossem utilizadas para combater o analfabetismo, eram consideradas instituições que não atendiam plenamente aos fins a que foram criadas, ou seja, extinguir o analfabetismo. Em seu discurso ele defende e faz elogios aos grupos escolares.

> Na parte relativa aos estabelecimentos de ensino, abstenho-me de fazer considerações sobre a sua utilidade e necessidade de aperfeiçoamento, porque isso está na consciencia de todos, e V. Exa., com a alta responsabilidade que tem na gerencia da espinhosa pasta a seu cargo, e com o largo descortino com que vê e estuda os elevados interesses do Estado, sabe quanto a tal respeito se tem feito e quanto se torna preciso ainda fazer para attingir-se ao fim collimado, que é extinguir-se ou, pelo menos, reduzir-se ao minimo o analphabetismo em São Paulo, pelo emprego efficaz de instrumentos modelares: escolas com os aperfeiçoamentos modernos; professores conscientes e preparados, capazes de comprehender e desempenhar a sua elevada missão. (ANNUARIO... 1914, p. 5)

Nesse mesmo relatório constante no Anuário de 1914 o Diretor Geral da Instrução Pública, João Chrysostomo, deixa claro sua preferência aos grupos escolares em detrimento as escolas isoladas e escolas reunidas, as quais ele teceu duras críticas. Para ele somente os grupos escolares cumpriam os objetivos a que foram criados.

> Os grupos escolares continuam a preencher, a contento geral, os fins a que se destinam. É prova indiscutivel deste asserto o augmento sempre constante da matricula nesses estabelecimentos de ensino, assim como o empenho de todas as localidades em possuir taes instituições.

> [...] Si só elogios se podem dispensar a essa organização escolar, que tão bons resultados offerece, fornecendo um preparo real e indiscutivel aos seus alumnos. (ANNUARIO... 1914, p. 10)

Para o Diretor Geral da Instrução Pública João Chrysostomo, as escolas reunidas não atingiam os objetivos a que foram criadas e a solução para tal problema seria de que estes estabelecimentos deveriam funcionar tal qual um grupo escolar.

> A actual organização desses estabelecimentos não satisfaz ás necessidades do ensino. Penso que, para preencherem o seu fim, devem passar por uma remodelação, dando-se-lhes uma organização semelhante á dos grupos escolares. Nesse sentido, já tive occasião de me manifestar a V. Exa., em officio, que foi transmittido ao Congresso Legislativo do Estado. (ANNUARIO... 1914, p. 11)

Reforçando a preferência que o então Diretor Geral da Instrução Pública João Chrysostomo tinha pelos grupos escolares, ele sugeriu que para resolver o problema das escolas isoladas, que as mesmas fossem agrupadas em uma única casa, assim o governo reduziria as despesas com esta modalidade de escola e com certeza a fiscalização sobre os professores seria mais eficaz.

> Difficil e dispendioso seria fornecer a cada professor uma casa para a sua escola; mais facil e proveitoso será fornecer uma casa para diversas escolas.
> É assim que, em cada districto de paz, e para cada tres ou quatro escolas, poderia o Governo alugar casas onde installal-as, com as precisas ou as possiveis condições pedagogicas. Não se trata de escolas reunidas, segundo o typo já existente em algumas localidades do interior: cada escola deve funccionar automaticamente, sob a regencia do seu professor, tendo a casa um zelador, encarregado da sua limpeza e conservação, assim como do arranjo de cada uma das salas. (ANNUARIO... 1914, p. 14)

Podemos notar a preferência por grupos escolares, pois estes além de serem mais econômicos em relação à instalação de escolas isoladas e escolas reunidas, proporcionavam a cidade certo status de modernidade. Desta forma eram disputados por políticos e comerciantes que queriam diante da instalação de um grupo escolar, demonstrar que a cidade estava em sintonia com a modernidade.

Segundo Souza (1998, p.51), nos primórdios da instalação dos grupos escolares a população se mostrou desfavorável a sua implantação, pois os grupos escolares reuniam em um só prédio diversas escolas isoladas, assim a população se via obrigada

a longas caminhadas, com a transferência dessas escolas para os prédios dos grupos escolares.

Diante das melhorias encontradas nos grupos escolares, material didático, aparelhos para o estudo da ciência, cumprimento de horários e programas estabelecidos, as escolas isoladas e as escolas reunidas perderam a preferência da população.

Nas cidades surgiram movimentos para que se criassem grupos escolares. No ano de 1894 foram instalados os primeiros Grupos Escolares no interior do estado de São Paulo. As cidades de Iguape, São Roque, Tietê e Itú, foram às pioneiras do interior, isso deve ter despertado os políticos da cidade de Sorocaba, bem como aos comerciantes que tinham interesses em fazer com que a cidade fosse considerada progressista e atraísse viajantes e pessoas dispostas a residir no município.

> O grupo escolar fazia parte desse conjunto de melhoramentos urbanos, tornando-se denotativo do progresso de uma localidade. Ele era um símbolo de modernização cultural, a morada de um dos mais caros valores urbanos – a cultura escrita. Entende-se, dessa forma, por que esses estabelecimentos de ensino passam a fazer parte dos interesses de diferentes grupos sociais e tornam-se um elemento de disputa política.
> Eles representavam, também, sinal de prestígio para a cidade, nesse momento em que poucas localidades os possuíam. Por isso, a sua criação era vista como uma vitória política decorrente dos esforços das autoridades locais, mediada pelo jogo político. (SOUZA, 1998, p. 92)

Sorocaba recebeu seu primeiro Grupo Escolar em 1896, fruto da mobilização do vereador e comerciante Antonio Egidio Padilha, que conseguiu convencer aos seus pares na Câmara Municipal e na Maçonaria sobre a necessidade de se instalar em Sorocaba um Grupo Escolar. Em 29 de Março de 1896 foi inaugurado o 1º Grupo Escolar de Sorocaba. A população da cidade saiu em caminhada da Câmara Municipal até a escola que recebeu o nome de Grupo Escolar “Antonio Padilha”, visto que seu principal idealizador, o vereador e comerciante Antonio Egidio Padilha faleceu antes de ver seu sonho concretizado, seus pares na Câmara Municipal acharam por bem homenageá-lo, denominando o grupo com seu nome.

Nota-se que, mesmo com toda a importância que se dava aos Grupos Escolares, o “Antonio Padilha” só conseguiu o seu prédio próprio em 1913, portanto, 17 anos após

sua criação. Antes ocupou dois endereços em prédios adaptados que se mostraram inadequados para tal fim.

No ano de 1914 foi criado o segundo Grupo Escolar em Sorocaba, denominado “Visconde de Porto Seguro”, uma homenagem a Francisco Adolfo Varnhagem. Por sua importância na luta e concretização da instalação da Real Fábrica de Ferro de Ipanema na cidade. Os dois grupos escolares estavam instalados na região central da cidade, atendendo diretamente a classe mais abastada.

> A localização central e a falta de vagas não deixavam opção às crianças com menores recursos financeiros, que continuavam a frequentar as escolas isoladas, quando havia, inclusive nos bairros com predominância operária, Além Ponte e Além Linha. (FERREIRA, 2013).

Isso dificultava o acesso das crianças proletárias que moravam nos bairros periféricos. Por esse motivo e diante das reivindicações dos operários, foi instalado o terceiro grupo escolar, fora da área central, mais precisamente no bairro Além Ponte, de predominância operária.

4 A EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA OPERÁRIA

A luta operária pelas oito horas diárias de trabalho, foi uma constante nas páginas do jornal O Operario que desde seu início encampou essa ideia. Esse anseio tinha como objetivo primordial, proporcionar o tão almejado tempo de descanso em que o trabalhador e, principalmente as crianças pudessem se alfabetizar.

> A infância operaria de Sorocaba.
> É triste para mim e outras que como eu se prezam em ser sorocabanos, é triste muito triste de ver, uma multidão de pequenos, completamente analphabetos, trabalharem numa escura fabrica, desde as 5 horas da manhã até as 7 horas da noite, ganhando 250 reis e 300 reis durante essas 14 horas! Pobres creanças! Que será dellas, assim ignorantes, por esse mundo de Deus? (CARVALHO (Org.), 2007, p. 151).

A figura 5 retrata uma cena corriqueira nas indústrias no início do século XX, reforça a ideia do esforço que era exigido das crianças, visto que o ambiente fabril não era projetado para atender as necessidades de seus frágeis corpos, eram-lhes exigidas características de um adulto para que as mesmas dessem conta de suas tarefas.

Figura 5. Crianças operárias.

Fonte: Disponível em: <http://www.blogbrasil.com.br/resumo-da-revolucao-industrial/> Acesso em 25 abr. 2013.

Essa imagem é o retrato fiel da preocupação que os redatores do “O Operário” estampavam em suas páginas, durante toda a sua trajetória encontramos esse anseio, visto que o jornal tinha inicialmente tendência socialista e posteriormente anarquista. A bandeira pela instrução do proletariado, bem como o fim do analfabetismo, foi levantada pelos anarquistas que cobravam dos republicanos a promessa declarada quando do fim do Império, ou seja, erradicar o analfabetismo.

Saviani *et al* (2006, p. 112) diz que, à educação popular foi atribuído o importante papel de formação do cidadão republicano, consolidação do novo regime e promoção do desenvolvimento social e econômico.

4.1 O ensino obrigatório e a luta contra o analfabetismo

O analfabetismo era o inimigo que o Estado combatia, era visto como o grande mal que atrasava o progresso, dificultava o desenvolvimento da nação. Dessa forma, o combate ao analfabetismo demandou horas e horas na busca de um método para erradicá-lo. Nos relatórios encontrados nos diversos Anuários do Ensino do Estado de São Paulo, esse tema é recorrente, vários planos foram traçados, inúmeras sugestões foram minuciosamente esboçadas para que o país se livrasse desse grande mal.

Em 1918 a Diretoria Geral da Instrução Pública relatou que 232.621 crianças em idade escolar obrigatória, ou seja, dos 7 aos 12 anos, haviam frequentado escolas públicas ou particulares, porém 247.543 crianças em idade escolar ficaram fora das escolas, mesmo sendo o ensino para essa idade obrigatório.

O analfabetismo era apontado como o principal causador do atraso no desenvolvimento da nação, e que se este fosse vencido, o Brasil estaria no caminho do desenvolvimento e em condições de se igualar aos países de primeiro mundo. Havia, pois a necessidade de se convencer os pais, sobre a necessidade da alfabetização das crianças, porém também era preciso convencer aos patrões sobre o beneficio da alfabetização, pregava-se que a mão de obra alfabetizada possibilitaria o aumento da capacidade produtiva das indústrias.

> A escola augmenta a capacidade productiva da nação; a escola desperta as forças latentes de um povo; a escola, enfim, num paiz novo e de população

> heterogênea, como o nosso, funde todas as nacionalidades, dando-nos um povo unico, coheso e com as mesmas aspirações. Na escola, enfim, está a nossa grandeza futura, sob todos os pontos de vista. Se assim é, como deixar sem escolas, em todo o Estado, milhares de crianças, annualmente? (ANNUARIO... 1918, p. 19)

Na luta pela erradicação do analfabetismo, inúmeras sugestões chegaram às mãos do então secretário do interior por meio do relatório redigido por Oscar Thompson, diretor geral da instrução pública do Estado de São Paulo. Dentre os planos para a eliminação do analfabetismo o Anuário de 1918 trouxe as propostas do Dr. Antonio de Sampaio Doria ilustre lente da Escola Normal e a proposta do diretor do Grupo Escolar de Brodowski.

A sugestão do Dr. Antonio de Sampaio Doria era de que o analfabetismo poderia ser extinto sem aumentar as despesas para o Estado. Ele sugeriu entre outras propostas, que os alunos fossem automaticamente promovidos do primeiro para o segundo ano, para que não ocupassem o lugar de novos alunos, os alunos que não tivessem condições de serem promovidos só ficariam retidos no primeiro ano caso não houvesse candidatos para preenchimento das vagas.

> Assim pensando, foi que lemos, com indizível satisfação, a carta aberta que nos redigiu o Dr. Antonio de Sampaio Doria, illustre lente da Escola Normal, publicada no “Jornal do Commercio” de São Paulo, e acomunicação que nos fez o Director do Grupo Escolar de Brodwski sobre o assumpto. Uma e outra vão adiante transcriptas.
> Naquella carta, o illustre lente da Escola Normal suggere para a extinção do analphabetismo, sem augmento de despesa, as seguintes medidas:
> 1ª – Separar, onde for opportuno, em dois períodos de duas horas e meia cada um, os dois annos da escola isolada actual;
> 2º - admittir sòmente o primeiro período para as ecolas ruraes com dua sedes por anno;
> 3º - simplificar o programma da escola primaria, de modo que, no primeiro período, domine o ensinar a ler, escrever e contar, e seja o segundo um aperfeiçoamento do primeiro;
> 4º - promover do primeiro para o segundo período todos os alumnos que tiverem tido o beneficio de um anno escolar, só podendo os atrasados repetir o anno, se não houver candidatos aos lugares que ficariam occupando;
> 5º - estimular os professores com lhes conceder, além dos seus vencimentos actuaes, tão escassos, uma gratificação annual correspondente ao trabalho realizado de alphabetização. (ANNUARIO... 1918, p. 20 e 21)

Foi composta uma comissão que analisou as propostas do Dr. Antonio Sampaio Doria, a comissão emitiu um parecer onde refutava algumas de suas propostas, porém

com base nas sugestões dadas, redigiu uma série de novas propostas, entre elas que as Câmaras Municipais construíssem prédios baratos e próprios para abrigar as escolas e fornecessem moradias para os professores. Também foi proposto pela comissão que as crianças menores de 7 anos fossem impedidas de serem matriculadas e que a obrigatoriedade fosse dos 7 aos 12 anos.

Com o título “Ensino obrigatório” estampado em suas páginas, o jornal Cruzeiro do Sul trazia uma nota sobre a obrigatoriedade do ensino na cidade de Sorocaba. Dizia a nota: O vereador Sr. Dr. Luiz P. de Campos Vergueiro apresentou na sessão de ontem à Câmara Municipal desta cidade o projeto de lei estabelecendo o ensino obrigatório neste município. (Jornal Cruzeiro do Sul, 03 de janeiro de 1919, p. 2).

À primeira vista pareceu-nos um avanço extraordinário na educação em Sorocaba, se atentarmos que o projeto de lei em questão chegava com 27 anos de atraso, visto que a lei instituindo o ensino obrigatório era de 1892. Porém há uma explicação para que o governo fizesse vista grossa para essa demora, não existiam escolas suficientes para atender toda a demanda que essa lei iria estimular, portanto os governantes estavam acuados e temerosos em instituir a obrigatoriedade do ensino.

> A ideia de educar o povo para que o país progredisse, não foi acompanhada por ações que dessem concretude à teoria. Os projetos pedagógicos implantados excluíam a maior parte da população em idade escolar, que se concentrava em regiões periféricas das cidades ou rurais. Nas cidade as classes mais favorecidas eram contempladas com grupos escolares, muitas vezes luxuosos, enquanto a maioria da população continuava analfabeta. Entre os excluídos estavam os operários que, para além das reivindicações trabalhistas, lutavam pela educação de seus filhos. (FERREIRA, 2013).

No Anuário do Ensino de 1907, há referência a uma lei votada pela Assembleia Provincial em 22 de maio de 1874 instituindo a obrigatoriedade do ensino. Portanto, antes mesmo da Proclamação da República e da disseminação dos ideais Republicanos a obrigatoriedade do ensino primário estava presente. Posteriormente foi reproduzida na lei estadual nº 88 de setembro de 1892 e no decreto nº 218 de 27 de novembro de 1893.

> LEI N. 88, DE 8 DE SETEMBRO DE1892
> Reforma a instrucção publica do Estado
> O dr. Bernardino de Campos, Presidente do Estado de São Paulo :
> Faço saber que o Congresso Legislativo estadal decretou e eu promulgo a lei seguinte:
> Artigo 1.º - O ensino publico no Estado de S. Paulo será dividido em: ensino primario, ensino secundario e ensino superior.
> § 1.º - O ensino primario comprehenderá dous cursos: um preliminar, outro complementar.
> § 2.º - O ensino preliminar é obrigatorio para ambos os sexos até a edade de 12 annos e começará aos 7.
> § 3.º - O ensino complementar destina-se aos alumnos que se mostrarem habilitados nas materias do ensino preliminar. (SÃO PAULO (Estado), 1892)

No período não havia escolas suficientes para estimular a demanda por vagas e o governo não estava disposto a liberar verbas para a construção de novos prédios, nem em aumentar suas despesas com mão de obra, tanto referente aos professores, quanto ao pessoal de apoio, como porteiros, serventes e até mesmo mais inspetores para fiscalizar essas escolas.

> [...] Resta considerar o caso das escolas urbanas pouco frequentadas. Ha quem sustente ser a obrigatoriedade do ensino o unico recurso efficaz contra a infrequencia. Não somos deste parecer. Em primeiro logar, a obrigatoriedade só se tornará admissivel quando tivermos escolas em numero sufficiente para comportar todos os candidatos á matricula. Em segundo logar, a obrigatoriedade do ensino é uma lei cuja execução, dados os nossos habitos, offerece sérias difficuldades e póde dar origem a graves injustiças. (ANNUARIO... 1908, p.40)

Ao considerar obrigatório o ensino para crianças dos 7 aos 12 anos, o governo teria que construir mais escolas, contratar mais professores, mais inspetores, mais porteiros, mais serventes, enfim teria mais despesas.

Havia ainda a preocupação de cometer injustiças, pois mesmo de forma ilegal, as crianças nessa faixa etária estavam trabalhando nas fábricas, como era o caso de Sorocaba, ou ajudando os pais na lavoura, e obrigá-las a irem à escola iria diminuir o parco orçamento doméstico,

> Quer-se apenas, o que já é muito, que não se reproduza, por mais tempo, o quadro contristador de 1918: 232.621 crianças frequentaram escolas e 247.543, em idade escolar, não as frequentaram.

> [...] Que fizeram as restantes crianças, em numero de 247.543? Nada. Umas vagaram pelas ruas, outras ficaram em casa, num perfeito ocio, outras foram abusiva e criminosamente introduzidas nas fabricas e outras ainda acompanharam os paes nos serviços da lavoura. (ANNUARIO... 1918, p. 24 e 25).

Com a obrigatoriedade do ensino, muitos pais teriam que matricular seus filhos em escolas particulares para não serem penalizados pela lei. Devido à grande eficiência da escola pública, esta fazia concorrência direta com a escola particular e muitas famílias abastadas, tiravam seus filhos dos colégios e internatos particulares e os matriculavam em escolas públicas onde o ensino possuía melhor qualidade.

> Como é sabido, graças aos melhoramentos introduzidos em o nosso apparelho escolar, as creanças das classes ricas ou abastadas, que outrora formavam a clientela dos collegios particulares, entraram a fazer concorrencia com os filhos do povo, aos quaes são especialmente destinadas as escolas publicas. E a tal ponto chegou essa concorrência que estas ultimas vieram por assim dizer a ser expoliadas dos seus direitos á gratuidade do ensino.
> [...] Ora, por que se dá assim? Porque os filhos do país, pertencentes ás classes favorecidas da fortuna, expulsaram das escolas elementares do Estado as creanças de origem extrangeira.
> [...] O primeiro passo para isso tudo, se reduz a uma unica providencia: limitar a matricula dos ricos nas escolas do povo [...]
> Attenciosamente – João Lourenço Rodrigues. (ANNUARIO... 1918, p. 27).

Os grupos escolares receberam a atenção especial dos governantes e isso beneficiou imensamente a sua concepção. Os primeiros grupos foram instalados em prédios construídos para serem imponentes e majestosos; o projeto didático pedagógico e inclusive o mobiliário utilizado, era pensado para que impressionassem e servissem de estímulo à educação da nação:

> Muitos grupos escolares foram instalados em prédios especialmente construídos para eles, de acordo com uma arquitetura monumental e edificante que colocava a escola primária à altura das suas finalidades políticas e sociais e servia para propagar e divulgar a ação do governo. Além da majestade dos edifícios escola, a organização administrativa e didático-pedagógica desses estabelecimentos era superior à das escolas unitárias (denominadas escolas isoladas), e isso possivelmente explica o sucesso e o prestígio social que obtiveram, especialmente nas cidades do interior do estado. (SAVIANI *et al*, 2006, p. 67).

Embora fosse a ideia dos republicanos instalarem os grupos escolares em prédios suntuosos, o orçamento os impedia de concretizar esse sonho, e muitos grupos

escolares passaram por diversos prédios adaptados até chegarem ao local realmente construído para esse fim, conforme a figura 6, o prédio do grupo escolar “Antonio Padilha” só ficou pronto em 1910, portanto 14 anos após a criação do grupo escolar.

Os políticos se depararam com dois problemas de difícil solução que era convencer os pais ricos em colocar seus filhos em escolas particulares e os pais pobres tirar seus filhos das fábricas e os enviar para as escolas públicas.

No relatório constante do Anuário de 1919, dizia que as escolas particulares, não ofereciam a mesma qualidade de ensino que as escolas públicas.

Figura 6. Primeiro Grupo Escolar de Sorocaba “Antonio Padilha”.

Fonte: http://www.crearte.com.br/og_tese.htm.

> Escolas Particulares.
> Em 1916, conforme consta do relatorio desta Directoria, as escolas particulares, principalmente as estrangeiras, com excepção de poucas, não preenchiam seus fins, pois seus directores e professores não offereciam prova de capacidade moral e technica para o ensino; não installavam suas escolas em predios de condições hygienicas e pedagogicas; não tinham programmas nem horarios, nem forneciam os dados estatisticos, nas epocas regulamentares. Não havia nas escolas estrangeiras em sua quasi totalidade, o ensino da lingua nacional, da geographia e da historia do Brasil: tudo alli se revestia de um cunho

> estrangeiro sem preoccupação alguma do que se refere á nossa nacionalidade. (ANNUARIO... 1919, p. 111).

Havia a necessidade de que o Estado interferisse nas escolas particulares, principalmente nas estrangeiras, a fim de lhes dar condições de que tivessem um ensino à altura do oferecido nos grupos escolares, ou seja, o ensino público.

> Tomando em consideração o serviço que prestam as boas escolas particulares á causa da disseminação do ensino, tem o Governo procurado auxilial-as, fornecendo-lhes, além de mobiliario, livros didacticos e outros utensis escolares, subvenções pecuniarias que attingem a 280:700$000, conforme consta do orçamento para as despezas de 1920. (ANNUARIO... 1919, p. 113).

O secretário da educação Dr. Oscar Thompson enviou aos inspetores escolares ofícios solicitando opiniões e técnicas sugeridas para se acabar com o analfabetismo. Vários inspetores escreveram respondendo ao Dr. Oscar Thompson e enviaram suas sugestões, pois havia a preocupação latente para se extinguir o analfabetismo.

> Carta aberta ao Dr. Oscar Thompson, em resposta ao seu officio sobre como resolver, nas condições actuais, o problema do analphabetismo.
> [...] Porque o analphabetismo das massas é incompativel com a civilização mais elementar. Um analphabeto é, sem exaggero, uma unidade negativa no seio do povo: não assimila as formas de progresso, não desenvolve a sua capacidade productiva, é a matéria por excellencia prestavel aos excessos de todas as sedições e facilmente supplantada e escravizada pelas raças mais cultas. (ANNUARIO... 1918, p. 58)

Erradicar o analfabetismo passou a ser a bandeira dos responsáveis pela instrução e dos políticos que visualizavam amealhar correligionários, e espantar o fantasma de que o cidadão analfabeto seria um trunfo nas mãos de ideologias nefastas como os anarquistas, socialistas e comunistas.

Por não terem a devida ciência do patriotismo e o conhecimento cívico, os analfabetos seriam incapazes de demonstrar amor à pátria e estariam entregues ao perigo do estrangeirismo. Também era uma preocupação em acabar com o analfabetismo e atenuar o perigo de que os estrangeiros se apoderassem de nossas terras.

> A alphabetização do povo é, na paz, a questão nacional por excellencia. Só pela solução della, o Brasil poderá assimilar o estrangeiro que aqui se installa em busca da fortuna esquiva. Do contrario, é o nacional que desaparecerá absorvido pela intelligencia mais culta dos immigrantes. Não ha fugir ao dilemma: ou o Brasil manterá o sceptro dos seus destinos, desenvolvendo a cultura dos seus filhos, ou será, dentro de algumas gerações, absorvido pelo estrangeiro, que para elle afflue. (ANNUARIO... 1918, p. 59)

No bairro Além Ponte, a crescente colônia espanhola trazia em seu seio, anarquistas e socialistas, que atentado para o estado de analfabetismo do povo montaram bibliotecas, peças de teatro e escolas anarquistas nos moldes da Escola Moderna de Ferrer.

Para a classe política era temeroso que a grande massa operária insatisfeita e analfabeta fosse facilmente manipulada pelos pensamentos anarquistas e socialistas, como também o eram pelos patrões que exploravam sua condição de analfabetos e lhe surrupiavam seus vencimentos, ou lhes impunham condições as quais eles não tinham como se defender, como por exemplo, descontos em seu pagamento de doações para a Santa Casa. O gerente descontava dos funcionários um valor e fazia uma doação para essa entidade, ou então instituía cartões para que os operários comprassem em estabelecimentos que trouxessem vantagem somente aos patrões. Conforme denúncia estampada nas páginas do jornal O Operario:

> MONOPOLIO!!!
> [...] A Fabrica Votorantim, situada em importante e populoso bairro de igual nome. A directoria deste estabelecimento, com o intuito de facilitar transacções commerciaes de seus operarios, fez imprimir cartões, com valores diversos, visto como os pagamentos e remessas de dinheiro feitos pelo banco a que pertence são sempre retardados, por motivos que ignoramos. Até aqui nada digno de nota.
> O que, porem, nos revolta é o facto destes cartões só terem valôr em um unico estabelecimento naquelle bairro, constituindo isto um verdadeiro monopolio!! (CARVALHO (Org.), 2007, p. 8).

Acabar com analfabetismo era a prioridade dos governantes, projetos começaram a ser estruturados para que esse mal fosse combatido. A erradicação do analfabetismo fez surgir toda sorte de sugestões e ideias, que eram devidamente avaliadas e discutidas, destarte surge uma solução que poderia ser a luz no fim do túnel, congregar as diversas escolas isoladas de um determinado perímetro em um

único lugar, seria mais fácil de ser fiscalizada, controlada e dessa forma os gastos com educação poderiam ser reduzidos.

Os políticos da época visualizaram nos grupos escolares a oportunidade de demonstrar que tinham o prestígio necessário para sua instalação. Desta forma, ao conseguirem a instalação de um grupo escolar ficava demonstrada a força que os grupos partidários tinham em relação a seus adversários. Sorocaba na época da instalação do terceiro grupo escolar era comandada por dois grupos que pertenciam ao partido republicano, porém eram grupos rivais, de um lado os partidários de Luiz Pereira de Campos Vergueiro, que deu origem ao Vergueirismo e do outro os partidários de Luis Nogueira Martins.

4.2 O Vergueirismo na política de Sorocaba

O Vergueirismo em Sorocaba marcou uma etapa da vida política da cidade. Sua gênese acontece quando o Partido Republicano Paulista – P.R.P, tem sua primeira cisão na cidade, assim dois grupos rivais começam a medir suas forças, de um lado Luis Nogueira Martins que tinha o apoio de Francisco Loureiro, e seus parentes que comandavam a política em Sorocaba. Nogueira Martins tinha o jornal O 15 de Novembro, para dar vazão as suas ideias e orientações a seus partidários, bem como para fazer oposição ao grupo rival que era comandado pelos Camargo Pires, que também fundaram o jornal Cruzeiro do Sul, para difundirem suas propostas políticas e rebaterem as acusações da oposição, era seu redator Joaquim Firminiano de Camargo Pires.

> Toda gente, quisesse ou não, havia de acompanhar o diretório reconhecido pela Comissão Diretora do lendário a às vezes glorioso P.R.P.. Houve a primeira Dissidência em São Paulo, em 1901, com reflexo em Sorocaba. Além disso, localmente os Pires chefiaram a oposição a Nogueira Martins, fundando para isso “o Cruzeiro do Sul”, enquanto “O 15 de Novembro” defendia aquele. (ALMEIDA, 2012, p. 251).

Como não podia deixar de ser, a política local era levada ao seu extremo, esses grupos rivais se enfrentavam na ânsia de comandar a cidade. Muitas vezes deixavam

de lado a civilidade e partiam para o ataque aos opositores, foram tentativas de empastelamento de jornais, assassinatos e tudo o mais que evidenciasse o poder e que fizesse o grupo rival retroceder ou até mesmo abandonar a “arena” para que sozinhos pudessem comandar a política local:

> Tentativa de empastelamento – Arrombamento
> Hoje, depois da meia noite foi a nossa redacção assaltada por um grupo de bandidos.
> Cerca de vinte homens bem armados e municiados, começaram por arrombar, a alavanca, uma das portas.
> Logo no começo do arrombamento ouviu-se o grito: “Viva o dr. Braguinha!”. (TENTATIVA..., 1903, p. 2)

As acusações começam a ser publicadas nas páginas de ambos os jornais O 15 de Novembro e Cruzeiro do Sul, na nota que segue, um leitor questiona uma matéria publicada no O 15 de Novembro, dizendo que a bicicleta que foi queimada na tentativa de empastelamento do jornal Cruzeiro do Sul, era uma bicicleta velha:

> SECÇÃO LIVRE
> Pergunta
> Pergunta-se ao cidadão João Teixeira Ferreira Junior redator de uma folha da terra, por que meios soube que era velha a bicycleta que os vandalos atiraram ao fogo na occasião que attentaram contra a redacção d’O “Cruzeiro”?
> O Sr. Examinou bem a bicycleta antes de a mandarem para o fogo?
> Pede-se resposta urgente. J. Cumplice. (SECÇÃO..., 1903, p. 2).

Os jornais da época comentaram em suas páginas esse acontecimento, e a posição que o chefe de polícia teve ao tentar esconder a verdade dos fatos, tentativa esta que lhe custou o posto e a sua transferência, fato esse comemorado pelo jornal Cruzeiro do Sul.

Dessa forma entre troca de acusações e ofensas, Nogueira Martins e os Camargo Pires comandaram a cidade, até que em 1906 acontece a reunificação do P.R.P na cidade e então antigas desavenças são postas de lado:

> Nogueira Martins retemperou suas forças, com a volta dos Pires e a adesão do novo promotor Luís Pereira de Campos Vergueiro. Residindo em São Paulo, o deputado e logo senador Nogueira Martins tinha um secretário aqui feito intermediário. Aos poucos foi abandonando a direção a Vergueiro, Pires, José de Barros e outros. Vergueiro foi chefe, principalmente desde que em 1911 se elegeu deputado, até 1926. (ALMEIDA, 2012, p. 221).

Almeida (2012, p.221) qualifica Luís Pereira de Campos Vergueiro de ‘o novo promotor’ visto que Vergueiro assumiu a promotoria da comarca de Sorocaba, 15 dias após sua formatura pela Faculdade de Direito de São Paulo.

Luiz Pereira de Campos Vergueiro era de família tradicional na história do país, filho de Nicolau Pereira de Campos Vergueiro e Messias Lopes de Sousa Freire e neto do imigrante português Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, o Senador Vergueiro, que participou ativamente na política durante o império, proprietário de terras e grande produtor de café. Nos anos 1905 os Vergueiros entram em cena na história política sorocabana.

Em 17 de julho de 1905 Sorocaba recebeu a notícia que um decreto que nomeava promotor da comarca de Sorocaba Luiz Pereira de Campos Vergueiro, o jornal Cruzeiro do Sul em sua edição do dia 19 de julho noticiou sua nomeação, o jornal também aproveitou o ensejo para felicitar aos sorocabanos pela acertada nomeação, e ao nomeado pela brilhante carreira que ora começava.

> Promotoria Publica
> Por decreto de 17 do corrente foi nomeado promotor publico desta comarca o dr. Luiz Pereira de Campos Vergueiro. Esta nomeação não podia ser mais acertada, tanto que veio trazer um geral contentamento ao publico sorocabano, que tem visto no dr. Vergueiro, em todo o tempo que occupou interinamente aquele cargo, um modelo de justiça e em seus actos o exemplo de uma boa magistratura. (PROMOTORIA..., 1905, p. 2).

A influência que os Vergueiros exerciam na política, e suas relações com famílias tradicionais, que influenciavam o poder judiciário paulista proporcionou, que o advogado recém-formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, fosse indicado para um cargo de tamanha relevância, mais precisamente, decorridos quinze dias de sua formatura.

Sua ligação com Sorocaba vai além dessa nomeação. Pessoa de grande influência em diversas áreas foi presidente do Gabinete de Leitura Sorocabano, membro atuante da Loja Maçônica Perseverança III, Deputado Estadual em 1910, assumiu uma cadeira no Senado Estadual em 1925, exerceu o cargo de prefeito municipal por um ano, de janeiro de 1926 a janeiro de 1927. Posteriormente foi vereador na cidade de Sorocaba em 1928.

Teve a vida pública abalada por seu suposto envolvimento na morte de três operários sorocabanos, ocorridas no dia 20 de junho de 1910, no qual foi defendido por Júlio Prestes. Sua efetiva participação neste nefasto acontecimento nunca foi provada, embora fosse constantemente lembrado por seus adversários, sobre seu possível envolvimento nesse crime:

> Reapparecendo!
> A verdade será, como sempre foi o nosso guia, com ella havemos desmascarar os amigos ursos da classe operaria reargindo enfim essa pobre classe tão digna de melhor sorte que vive jogada a um canto envolta no sudario da amargura apenas lembrada para o proveito proprio dos *chefetes* de uma politica assassina.
> Ainda nos echoam aos ouvidos os lamentos daquellas infelizes mães que assistiram na noite maldicta de 20 de Junho de 1910 o desmoronar de sua felicidade o esphacelamento de seu coração! (CARVALHO (Org.), 2007, p. 558).

Vergueiro conquistava amigos e exercia forte influência na vida social da cidade, sabia escolher seus pares e cercava-se de homens de valor e de tradição, visto que necessitava de apoio e sustentação para enfrentar seus opositores. (ALMEIDA, 2012, p. 221).

Participou em 1918 da Comissão que derrubou a velha Igreja Matriz e construiu a Catedral:

> Em 13 de janeiro de 1924 o Exmo. Sr. Arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, sagrou o altar-mor da Matriz assim reinaugurada e, à noite, presidiu no “Gabinete de Leitura” a reunião da Comissão pró-Diocese. A 4 de julho foi criada a Diocese de Sorocaba pelo Santo Padre Pio XI e nomeado seu primeiro bispo o então vigário de Bragança, cônego José Carlos de Aguirre.
> Da comissão faziam parte entre muitos, o juiz dr. José Tiago de Siqueira, o dr. Luíz Pereira de Campos Vergueiro, chefe político perrepista, o major Abílio Soares e o padre Luiz Augusto Sicluna, estes dois últimos os principais membros da Comissão de obras da Catedral. (ALMEIDA, 2002, p. 373).

Na filantropia, conseguiu uma verba para a Sociedade Protetora dos Morféticos de Sorocaba e foi seu presidente para o mandato de 1913, conforme encontramos no referido Almanach de 1914:

> No ano seguinte (1911) obteve-se do Governo do Estado um auxilio anual de 3:000$000, tendo para isso muito concorrido os esforços empregados junto aos

> poderes Públicos pelo operoso Deputado por este distrito, Sr. Dr. Luiz Pereira de Campos Vergueiro. (WERNECK (Org.), 1914, p. 173).

Relativo à educação, pesa contra ele sua posição contrária à proliferação de escolas secundárias. Segundo seu pensamento, os políticos deveriam se preocupar com a alfabetização das crianças, e essa deveria ser a meta quanto à utilização de verbas destinadas a instrução. Criticava com veemência a subvenção destinada à Escola Noturna mantida pela Loja Maçônica destinada à instrução de trabalhadores. Para ele, Sorocaba não precisava de ginásios, mas sim de escolas profissionais, e combateu a instalação daqueles e das escolas normais na cidade. (PINTO JUNIOR, 2003).

Também se envolveu em uma disputa, onde por motivos políticos perseguiu um professor da escola maçônica, o que causou sua remoção da cidade, e isso repercutiu em um profundo mal estar na população que desaprovou o ato e na maçonaria que culminou com uma reunião onde decidiram pelo seu afastamento da Loja em 1920. (ALEIXO IRMÃO, 1994, p. 400).

> [...] requerem ao Resp. Mestre seja o presente tomado como sinal do mais enérgico e solene da Loja contra o ato de remoção, reprovando também, o procedimento do Ir. Dr. Luiz Pereira de Campos Vergueiro, em participar do ato e entender que por ter nascido em um Oriente onde não se divisa a magnificência do Cruzeiro do Sul e por isso mesmo na vizinhança de outro onde houve a infelicidade de ser: o tacão da bota e a espada, a Lei, queira, impondo semelhante regimen, implantar a desarmonia na família sorocabana (FERREIRA apud, ALEIXO IRMÃO, 1994, p. 400; grifo dos autores)

A nomeação do terceiro Grupo Escolar foi um capítulo à parte, onde um grupo simpatizante do Vergueirismo cogitou denominar o grupo escolar de Luiz Pereira de Campos Vergueiro. Porém, relata-se que o mesmo declinou e rejeitou a indicação, assim seus pares resolveram homenagear seu avô o Senador Vergueiro.

Foi na sua gestão como vereador que foi instituída a obrigatoriedade do ensino na cidade de Sorocaba e a instalação do terceiro Grupo Escolar, ficava claro que Campos Vergueiro visava à instrução e alfabetização das crianças, pois quando se tratava de incentivar e destinar verbas para o ensino secundário, se mostrava contrário à ideia.

O problema em se alfabetizar as crianças residia no fato das mesmas contribuírem para a composição do orçamento doméstico, seu trabalho nas fábricas se tornava mais um meio de compor o parco orçamento doméstico.

> Os operários percebem a importância das escolas, cuja finalidade era de alfabetizar o trabalhador, por um lado, mas que isso não estava sendo possível em detrimento a duração da jornada de trabalho, que impedia a frequência nos estabelecimentos de ensino. Situação essa que não só valia para os adultos, como também, para os menores que cumpriam a mesma jornada de trabalho. (CARMO, 2006).

Ao se darem conta da importância da educação e perceberem que a longa jornada de trabalho os impedia de frequentar os bancos escolares, os trabalhadores iniciaram uma longa jornada de reivindicações, dentre as quais a redução da jornada de trabalho para 8 horas diárias foi o início.

Partidário da ideia de propiciar a alfabetização das crianças, os vergueiristas conseguem a instalação do terceiro grupo escolar na cidade de Sorocaba, fato esse de relevância, pois segundo o Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, havia em 1919 cerca de 67 municípios no estado em que não foram organizados grupos escolares, conforme quadro 5.

Quadro 5. Cidades que não haviam organizado grupos escolares em 1919.

1. Anhemby	35. Oleos
2. Annapolis	36. Ourinhos
3. Apiahy	37. Palmital
4. Araçariguama	38. Parnahyba
5. Areias	39. Patrocinio do Sapucahy
6. Ariranha	40. Piedade
7. Avahy	41. Pilar
8. Bom Sucesso	42. Pinheiros
9. Buquira	43. Piratininga
10. Cabreúva	44. Platina
11. Campo Largo de Sorocaba	45. Redempção
12. C. N. do Paranapanema	46. Ribeira
13. Cananéia	47. Ribeirão Branco
14. Caraguatatuba	48. Rio Bonito
15. Conceição de M. Alegre	49. Sallesopolis
16. Conchas	50. Salto G. do Paranapanema
17. Cotia	51. Santa Adelia
18. Espirito Santo do Turvo	52. Santa Barbara do R. Pardo
19. Guararema	53. Santa Cruz da Conceição

20. Guarehy	54. Santa Izabel
21. Guariba	55. Santo Antonio da Alegria
22. Guarulhos	56. Santo Antonio da Boa Vista
23. Igaratá	57. São Joaquim
24. Itanhaem	58. S. José do Barreiro
25. Itajoby	59. S. Miguel Archanjo
26. Itapecerica	60. S. Pedro do Turvo
27. Jambeiro	61. Sarapuhy
28. Jatahy	62. Silveiras
29. Juquery	63. Tabapuan
30. Lagoinha	64. Uma
31. Mineiros	65. Viradouro
32. Natividade	66. Xiririca
33. Nazareth	67. Yporanga
34. Novo Horizonte	

Fonte: Adaptado do Annuario do Ensino do Estado de São Paulo – 1919, p. 50 a 53.

Ainda segundo o Anuário do Ensino do Estado de São Paulo 118 municípios tinham somente um grupo escolar em 1919, conforme o quadro 6.

Quadro 6. Cidades com um grupo escolar em 1919.

1. Agudos	31. Cruzeiro	61. Limeira	91. Santa Branca
2. Albuquerque Lins	32. Cunha	62. Mattão	92. Santa C. do Rio Pardo
3. Altinopolis	33. Descalvado	63. Mocóca	93. Santa Rita do P. Quatro
4. Angatuba	34. Dourado	64. Mogy das Cruzes	94. Santa Rosa
5. Araras	35. Dois Corregos	65. Mogy Guassú	95. Santo Amaro
6. Assis	36. Espirito Santo do Pinhal	66. Monte Alto	96. S. B. do Sapucahy
7. Atibaia	37. Fartura	67. Monte Azul	97. São Bernardo
8. Avaré	38. Faxina	68. Monte Mór	98. S. João da B. Vista
9. Bananal	39. Franca	69. Olympia	99. S. João da Bocaina
10. Bariry	40. Ibitinga	70. Orlandia	100. S. José dos Campos
11. Barra Bonita	41. Igarapava	71. Palmeiras	101. S. José do Rio Pardo
12. Barretos	42. Iguape	72. Parahybuna	102. S. Luiz do Parahytinga
13. Batataes	43. Indaiatuba	73. Pederneiras	103. São Manoel
14. Baurú	44. Ipaussú	74. Pedreiras	104. São Pedro
15. Bebedouro	45. Itaberá	75. Pennapolis	105. São Roque
16. Bica de Pedra	46. Itapetininga	76. Pereiras	106. São Sebastião
17. Boa Esperança	47. Itapira	77. Pindamonhangaba	107. São Simão
18. Bragança	48. Itapolis	78. Piquete	108. São Vicente
19. Brodowski	49. Itaporanga	79. Piracaia	109. Serra Negra
20. Brótas	50. Itararé	80. Pirajú	110. Sertãozinho
21. Caçapava	51. Itatiba	81. Pirajuhy	111. Socorro
22. Cachoeira	52. Itatinga	82. Pitangueiras	112. Tambahú
23. Caconde	53. Ituverava	83. Porto Feliz	113. Taquaritinga
24. Cajurú	54. Jaboticabal	84. Porto Ferreira	114. Tatuhy
25. C. B. do	55. Jacarehy	85. Queluz	115. Tietê

Paranapanema			
26. Capivary	56. Jardinopolis	86. Ribeirão Preto	116. Tremembé
27. Casa Branca	57. Joanopolis	87. Rio das Pedras	117. Ubatuba
28. Catanduva	58. Laranjal	88. Rio Preto	118. Villa Bella
29. Cerqueira Cesar	59. Leme	89. Salto	
30. Cravinhos	60. Lençóes	90. Santa Barbara	

Fonte: Adaptado do Annuario do Ensino do Estado de São Paulo – 1919, p. 50 a 53.

Já os 12 municípios que em 1919 tinham dois grupos escolares conforme o Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, conforme exposto no quadro 7.

Quadro 7. Cidades que tinham dois grupos em escolares em 1919.

1. Amparo	7. Mogy Mirim
2. Araraquara	8. Pirassununga
3. Botucatú	9. Ribeirão Preto
4. Jahú	10. Rio Claro
5. Jundiahy	11. São Carlos
6. Lorena	12. Ytú

Fonte: Adaptado do Annuario do Ensino do Estado de São Paulo – 1919, p. 50 a 53.

Somente cinco cidades em 1919 tinham três grupos escolares, segundo o Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, conforme quadro 8.

Quadro 8. Cidades que tinham três grupos escolares em 1919.

1. Campinas	4. Santos
2. Guaratinguetá	5. Sorocaba
3. Piracicaba	

Fonte: Adaptado do Annuario do Ensino do Estado de São Paulo – 1919, p. 50 a 53.

O Município de Taubaté era a única cidade que em 1919 tinha organizado quatro grupos escolares.

4.3 A gênese do terceiro grupo escolar de Sorocaba.

O primeiro prédio que abrigou o terceiro grupo escolar foi construído em 1851 onde foi instalada em 1878 a primeira fabrica têxtil do estado de São Paulo, empreendimento de Manoel Lopes de Oliveira. Ele utilizou escravos e operários na

fabricação de tecidos. A fábrica deixou de funcionar em pouco tempo, pois o tecido era rústico e a inabilidade dos escravos e operários em operar as máquinas, fazia com as mesmas quebrassem com frequência.

> Manoel Lopes de Oliveira importou uma pequena fábrica de tecidos, de teares mecânicos, não se sabe quantos, e tocada à vapor, montando-a num comprimido galpão junto às senzalas, atrás da casa grande da chamada Chácara Amarela.[...] souberam montar mas não souberam conservar os teares, que engasgaram após as primeiras peças de panos. (ALMEIDA, 2002, p.247)

Em um prédio adaptado, modesto e simples, o terceiro grupo escolar de Sorocaba, foi instalado para atender às reivindicações dos operários e também ao ideal Republicano de erradicar o analfabetismo, na figura 7 o primeiro prédio que abrigou o grupo escolar “Senador Vergueiro”.

Figura 7. Casa da Chácara Amarela que abrigou o Grupo Escolar “Senador Vergueiro” no Além Ponte – Sorocaba.

Fonte: Foto de Série Pedro Neves dos Santos - Acervo Biblioteca Infantil Municipal de Sorocaba.

No dia 25 de abril de 1919, o jornal Cruzeiro do Sul trouxe o decreto de criação do terceiro grupo escolar de Sorocaba, demonstrando que esse grupo atenderia às crianças operárias que residiam no bairro Além Ponte.

> TERCEIRO GRUPO ESCOLAR
> Por decreto de ante-hontem foi creado o terceiro grupo escolar desta cidade.
> Graças á boa vontade e ao patriotismo do governo do Estado e graças tambem á operosidade nunca desmentida do nosso illustre e prestigioso chefe politico sr. dr. Luiz Pereira de Campos Vergueiro, a população de Sorocaba será beneficiada com mais esse importantes melhoramento.
> A enorme população infantil desta cidade há muito requeria um novo estabelecimento de ensino público, onde pudesse receber as primeiras luzes do saber.
> Os meninos operarios, distraídos indevidamente das escolas, até a pouco, mas que devem frequenta-las em virtude da obrigatoriedade votada recentemente pela municipalidade, são em numero para fornecer classes enormes para as escolas mantidas pelo governo neste município.
> As estatísticas organizadas nesta cidade e apresentadas ao governo pelo Sr. Dr. Campos Vergueiro, logo conseguiram provar ao ilustre dr. Secretário do interior a necessidade de termos aqui mais um grupo escolar.
> É assim que aos enormes serviços realizados em prol de Sorocaba pelo nosso prezado chefe, vem-se juntar mais este.
> - O novo grupo escolar fica situado num confortável prédio do bairro Além Ponte, na Chacara Amarela, adaptado há meses para esse fim, possuindo mobiliario novo e completo, recebido do almoxarifado da secretária do interior.
> O grupo deverá funccionar com oito classes, no seu início.
> - Para dirigir o terceiro grupo escolar de Sorocaba foi nomeado o Sr. Accácio Vasconcellos Camargo, que dirigia o grupo de Taquaritinga. (TERCEIRO..., 1919, p. 2)

Na mesma página o jornal trazia um pequeno texto, reforçando a obrigatoriedade do ensino na cidade, denotando a ideia de que havia o temor de que os pais não enviassem seus filhos aos grupos, e preferissem mantê-los nas fábricas, ficando a escola vazia.

> ENSINO OBRIGATORIO
> Como os leitores sabem, está em vigor a lei do ensino obrigatorio nesta cidade, em virtude de uma lei votada pela camara municipal.
> A prefeitura distribuirá na cidade um boletim vulgarizando aquela lei e acconselhando os paes a que a recebam com sympatia que merecem e prestem-lhe o devido apoio. (ENSINO..., 1919, p.2)

Aproveitando a repercussão da criação do terceiro grupo, o jornal Cruzeiro do Sul, em franca campanha pró-reeleição do deputado estadual Dr. Luiz Pereira de

Campos Vergueiro, veiculou na mesma página em que está a notícia da criação do grupo, uma nota conclamando a população votar no Dr. Campos Vergueiro.

> Dr. Campos Vergueiro
> Será suffragada amanhã a chapa de deputados estaduaes, apresentada pelo Partido Republicano Paulista. É candidato á reeleição o nosso estimado e prestigioso chefe político Sr. Dr. Luiz Pereira de Campos Vergueiro que pelo seu trabalho, sua dedicação incançavel e por enormes serviços realizados em prol do districto que representa, tem assegurado e augmentado a sympatia que com justiça gosa no seio do eleitorado da zona na Camara dos Deputados, há nove annos.
> Indicando o para a reeleição o governo do Estado deu um passo que só louvores merece, obedeccendo dessa forma ao desejo dos eleitores, com especialidade de Sorocaba, onde reside o operoso político.
> A folha considerável de serviços do Dr. Campos Vergueiro, a sua modéstia captivante, a sua sinceridade não poderiam deixar de concorrer para que o candidato de amanhã receba nas urnas a prova exuberante do conceito boníssimo em que é tido em Sorocaba.
> Seria sediço enumerar agora a lista dos serviços que o nosso estimado chefe apresenta, pois todos os nossos leitores a conhecem de sobejo. Basta-nos citar hoje a creação do terceiro grupo escolar, pela qual vem ha meses trabalhando o Dr. Campos Vergueiro.
> E a melhor maneira de agradeccer tudo isso é comparecerem amanhã os eleitores às urnas para votarem no candidato official. (DR. CAMPOS..., 1919, p. 2).

Não tendo verbas suficientes para a construção de prédios para abrigar os grupos escolares, a prefeitura fez algumas adaptações na antiga casa da Chácara Amarela, que anteriormente abrigou a primeira tentativa de se instalar uma indústria têxtil na cidade. O prédio de propriedade de dona Maria De Los Angeles Ajala Marques, foi alugado pela Câmara Municipal, por cerca de 500$000 (quinhentos mil réis mensais).

Foi Accácio Vasconcellos Camargo o primeiro diretor do Grupo Escolar “Senador Vergueiro”. Era titulado Normalista secundário e consta que sua média geral do diploma foi oito (plenamente).

> DECRETO N. 2.225, DE 16 DE ABRIL DE 1912
> Manda observar a Consolidação das leis, decretos e decisões sobre o ensino primario e as escolas normaes
> § 5.º - Terminados os exames, o secretario da escola lavrará, no livro competente, acta circumstanciada e o director procederá ao julgamento, observando o seguinte criterio:
> Comprehender-se-á em um só acto o resultado final dos exames, tomando o termo médio de todas as notas pelas suas equivalentes numericas, dando-se ao resultado as classificações seguintes:

> a) reprovação, quando a mpédia for inferior a 6;
> b) approvação simples, quando for egual a 6 e 7;
> c) approvação plena, quando for egual a 8 e 9;
> d) approvação com distincção, quando a média estiver comprehendida entre 10 a 12. A nota 12 corresponderá a distincção com louvor. (Ibidem, art. 20 §§ 4.º e 5.º). (SÃO PAULO (Estado), 1912)

O professor Accácio nascido em 16 de setembro de 1888 filho de Francisco Antonio do Nascimento Camargo, iniciou sua vida no magistério aos 23 anos de idade em 06 de fevereiro de 1911.

Exerceu os seguintes cargos antes de ser designado diretor do Grupo Escolar "Senador Vergueiro", foi substituto efetivo, segunda classe vaga no Grupo Escolar "Candido Rodrigues" de São José do Rio Pardo, professor da 2ª Escola Masculina de sede de Campo Largo.

Professor da 2ª Escola Noturna de Sorocaba foi ainda adjunto dos Grupos Escolares "Cesário Motta" e "Convenção de Itú" na cidade de Itú. Diretor do Grupo Escolar de Taquaritinga.

O professor Accácio de Camargo enquanto diretor do Grupo Escolar de Taquaritinga realizou um excelente trabalho pedagógico e social na cidade, desta forma a folha de Taquaritinga fez elogios e demonstrou por meio de um editorial o triste sentimento que assolou a cidade com a notícia da transferência do professor Accácio para a cidade de Sorocaba, onde assumiu o terceiro grupo escolar. Consta que na cidade de Taquaritinga o professor Accácio além de ter realizado uma excelente gestão enquanto diretor do grupo escolar, também se empenhou nos eventos sociais e colaborou com a criação da Associação Regional de Escoteiros.

> PROFESSOR ACCÁCIO DE CAMARGO
> Deve seguir na próxima segunda feira, com sua exmª familia, para Sorocaba, o professor Accácio de Camargo.
> O professor Accácio acaba de ser removido, como era seu desejo da direcção do grupo escolar desta cidade para egual cargo naquela cidade, onde vae dirigir o 3º grupo. [...] O provecto educador manifestou-se aqui o verdadeiro e abnegado sacerdote da instrucção publica. No cumprimento dos deveres inherentes ao seu cargo jamais esmoreceu, jamais titubeou.
> A elle devemos a creação da nossa Associação Regional de Escoteiros; a elle devemos o ensino patriótico, promovido por meio de festas e conferencias, ultimamente adotado no nosso grupo escolar. Longe de julgarmos que o nosso grupo escolar não tenha sido sempre um optimo estabelecimento de ensino. [...] Lamentando, portanto, mais uma vez a sua retirada do nosso meio social e da direcção do nosso grupo escolar, felicitamos ao mesmo tempo o culto povo de

> Sorocaba pela boa aquisição que acaba por fazer. (*Do "Jornal de Taquaritinga"*) (PROFESSOR..., 1919, p.1).

O Jornal Cruzeiro do Sul voltou a publicar no dia 14 de maio de 1919, novamente em sua primeira página, um artigo sobre o Professor Accácio de Vasconcellos. O texto publicado pelo Cruzeiro do Sul era uma transcrição do jornal Tribuna Liberal de Taquaritinga, na qual ele escrevia diversos artigos.

É veemente a tristeza dos alunos e amigos que o professor Accácio angariou nessa cidade, porém o pedido de transferência partiu do próprio professor, que por ser da cidade de Itú estaria mais próximo de sua parentela e também seria mais um desafio em sua vida profissional, visto que o terceiro grupo escolar de Sorocaba possuía características próprias, pois estava fora da área central da cidade, instalado em um bairro tipicamente operário. Sua experiência em uma cidade com menos recursos financeiros como era Taquaritinga na época, o tornou candidato privilegiado para assumir o terceiro grupo escolar de Sorocaba.

> Prof. Accácio de Vasconcellos.
> É sempre com o maximo prazer que temos passado para as nossas columnas as merecidas referencias que os jornaes de Taquaritinga fazem ao professor Accácio de Vasconcellos Camargo, director do nosso 3º grupo escolar, removido daquella cidade para Sorocaba, a pedido.
> [...] O Batalhão dos Escoteiros, sob a direcção atualmente do Sr. Adelmo de Almeida, compareceu à gare, para prestar-lhe tocante homenagem.
> O professor Accácio despediu-se de todos os meninos do batalhão e encorajou-os.
> No grupo escolar o professorado local fez uma profunda demonstração de sympatia dando-lhes presentes carissimos e pelas alumnas foram-lhe offerecidos ricos "*bouquets*" de flores.
> [...] Damos os nossos parabéns ao povo de Sorocaba, pela grande aquisição que acaba de fazer recolhendo em seu seio um moço digno, trabalhador, intelligente e tenaz, o qual, estamos certos em pouco tempo conquistará alli a estima geral. (PROF. ACCÁCIO..., 1919, p.1).

Seu trabalho a frente do terceiro grupo escolar de Sorocaba foi reconhecido e relatado nos livros de inspetores escolares, como um profissional preocupado com a sua escola, que zelava pelo prédio, e pelo bem estar de seus alunos. Todos os inspetores que preencheram os termos de visitas do grupo escolar, teceram elogios ao modo como o professor Accácio conduziu os trabalhos no referido grupo.

O Livro de Visitas de autoridades escolares tem seu termo de abertura redigido pelo diretor Accácio de Vasconcellos Camargo é datado de 29 de maio de 1919. Nesse livro estão registradas as visitas realizadas pelos inspetores escolares ao Grupo Escolar “Senador Vergueiro”.

Na figura 8 temos o professor Accácio de Vesconcellos Camargo com as alunas e professoras na porta de entrada do grupo escolar “Senador Vergueiro”. Nota-se na imagem a simplicidade do prédio que abrigou o terceiro grupo escolar de Sorocaba.

Figura 8 - O professor Accácio de Vasconcellos Camargo com alunas e professoras.

Fonte: Arquivo do Grupo Escolar “Senador Vergueiro”.

A primeira visita registrada no Livro de Visitas foi do Inspetor Escolar Luiz de Brito em 24 de agosto de 1919 onde o mesmo anotou de próprio punho que, o Grupo Escolar “Senador Vergueiro” funcionava com a devida regularidade e com o já notável aproveitamento dos alunos, também consta desse primeiro relatório que estavam presentes nesse dia 346 alunos, sendo 165 meninas e 211 meninos, porém os

matriculados eram no total de 499 alunos, divididos em 256 meninas e 243 meninos, estavam ausentes nesse dia 153 alunos, ou seja, 91 meninas e 32 meninos, aproximadamente 30% dos alunos não compareceram nesse dia, talvez por que houvesse a preocupação dos pais em matricular seus filhos e assim se livrarem das penalidades impostas pela lei da obrigatoriedade do ensino.

> Visitei hoje, o Grupo Escolar Senador Vergueiro, sob a criteriosa direção do distinto professor Sr. Accácio de Vasconcellos Camargo. Tive a satisfação de ver que este grupo escolar, instalado em tão pouco tempo, funcionando com a precisa regularidade, com boa disciplina e já notável aproveitamento dos alunos.
> Estavam presentes 346 (165 m. e 211 f.) alunos dos 499 (256 f. e 241 m.) matriculados. São analfabetos 419. Visitei todas as classes e deixei instruções para o ensino de leitura.
> Sorocaba, 24 de agosto de 1919.
> Ilm. Luiz de Brito – Inspetor escolar.[17]

Na figura 9 temos uma foto com os professores e professoras e o diretor que compunham a primeira equipe do grupo escolar “Senador Vergueiro”.

Figura 9 - Professores do Grupo Escolar “Senador Vergueiro”

Fonte: Disponível em: <http://www.crearte.com.br/>. Acesso em 20 abr. 2014.

[17] Livro de visitas de autoridades escolares, página 1. Arquivo da Escola Estadual “Senador Vergueiro”.

O inspetor escolar apontou nesta primeira visita que dos 499 alunos matriculados, 419 eram analfabetos, portanto 84% dos alunos não sabiam ler ou escrever.

Um ano após, foi realizada a segunda visita de um inspetor às dependências do grupo em 19 de maio de 1920. O inspetor escolar Armando de Araújo anotou que a instituição recebeu em 1920, 101 alunos analfabetos e um ano após sua instalação havia ainda 200 alunos analfabetos remanescentes do ano anterior, excluindo desse número os alunos que foram eliminados.

No dia em que essa visita aconteceu dos 525 alunos matriculados, 254 meninas e 271 meninos, compareceram 368 alunos, ou seja, 192 meninas e 176 meninos, portanto um total de 30% faltou nesse dia, o mesmo número de ausência verificada no primeiro relatório, redigido um ano antes.

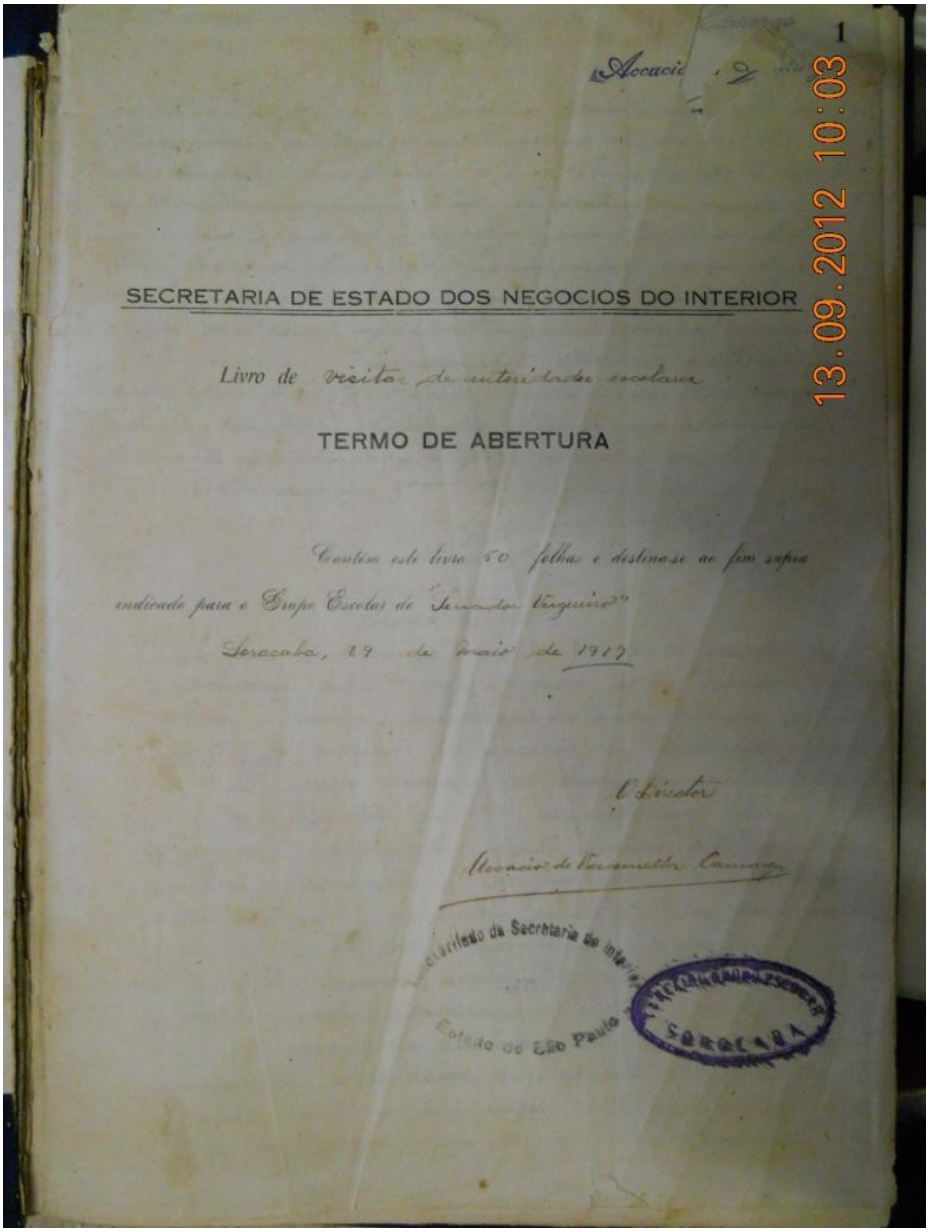
Conforme a figura 10, no livro de visitas dos inspetores consta que o inspetor, além de inspecionar as aulas e o desempenho dos alunos, verificava ainda a conservação do prédio. Consta nesse termo de visita que o asseio do estabelecimento era bom e sua conservação era cuidada com carinho pelo diretor, pois não havia vestígios de pregos, nem riscos e arranhaduras nas paredes, e que a escrituração estava em dia.

Também assistiu aulas de leitura, aritmética, linguagem e desenho; realizando ainda um exame de caligrafia com os alunos dos 3os anos. O grupo contava com 12 classes.

> Termo de visita.
> Aos 19 dias do mês de maio do corrente ano, inspecionei pela 1ª vez, o Grupo Escolar “Senador Vergueiro” de Sorocaba, encontrando-o funcionando sob a direção do professor Sr. Accácio de Vasconcellos Camargo.
> O Grupo recebeu 101 alunos analfabetos que com os repetentes de 1919, perfazem um total de 301 alunos analfabetos. Neste número não foram incluídos os eliminados. Compareceram ao estabelecimento nesta data, 368 alunos, sendo 176 da seção masculina e 192 da seção feminina. A matrícula atual é de 525 alunos, sendo 271 da seção masculina e 254 da seção feminina.
> O asseio do estabelecimento é bom e a sua conservação é cuidada com carinho pelo diretor. As paredes estão em bom estado, não apresentando vestígios de pregos, nem riscos e arranhaduras.
> A escrituração está em dia. É feita com limpeza.
> Inspecionei as 12 classes do estabelecimento, assistindo algumas aulas de leitura, aritmética, linguagem e desenho. Verifiquei que os trabalhos gráficos já foram iniciados e realizei, nos 3º anos, exame de caligrafia.

Nenhuma modificação fiz, recomendando apenas ao Sr. diretor que aguardasse as novas instruções da Diretoria Geral.
Sorocaba, 19 de maio de 1920.
Armando de Araújo – Inspetor Escolar.[18]

Figura 10 - Primeiro livro de visitas dos inspetores escolares.



Fonte: Arquivo do Grupo Escolar “Senador Vergueiro”.

[18] Livro de visitas de autoridades escolares, página 1. Arquivo da escola “Senador Vergueiro”.

O primeiro quadro de professores e funcionários do Grupo Escolar “Senador Vergueiro” foi registrado no Livro de Ponto, em 03 de junho de 1919 e assim era composto o quadro de professores nos dois períodos em que o grupo funcionava:

1º Período
1º Ano A – Profª Iracema Helena Fogaça.
1º Ano B – Profª Durvalina Amaral.
1º Ano C – Profª Regina de Alvarenga.
1º Ano D – Prof. Armando Rizzo.
2º Ano A – Prof. Antonio de Aguiar.
2º Ano B – Prof. Joaquim Barbosa.

2º Período
1º Ano A – Profª Anna Zizina de Arruda.
1º Ano B – Profª Zenaide Lopes de Oliveira.
1º Ano C - Profª Sandelina Rolim.
1º Ano D – Profª Maria Rosa Soares.
2º Ano A – Profª Guiomar de Barros.
2º Ano B – Profª Florinda Mantrandéa.
Substituta efetiva – Profª Flóra Prestes César.

O grupo contava ainda com um quadro de funcionários que davam suporte as atividades de manutenção e controle dos alunos:

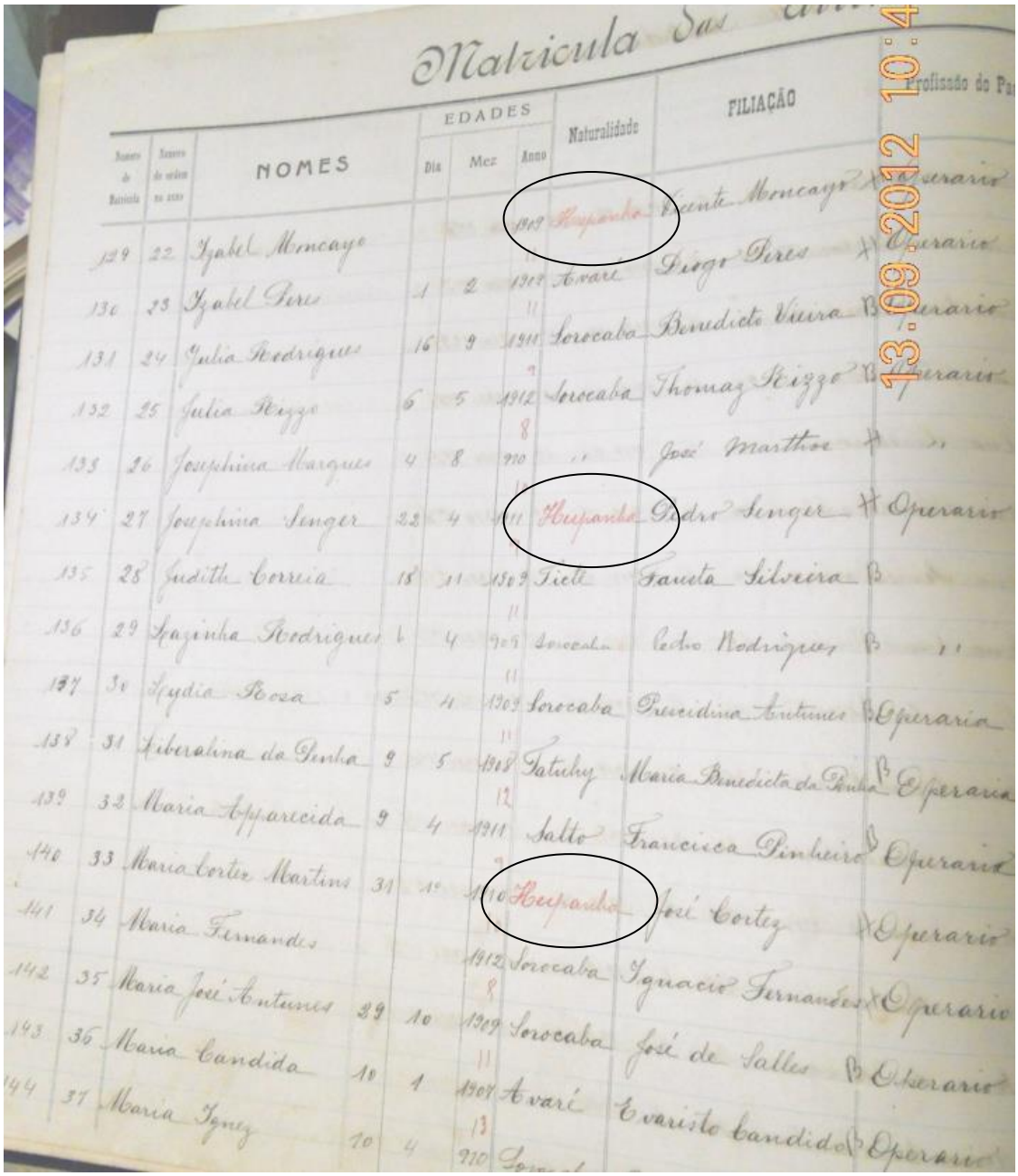
Porteiro – Aarão de Almeida Leme.

Serventes – Domingos de Lucas, Ignácio da Cruz Fontoura e Antonio de Campos.

O livro de matrículas conforme a figura 11 têm os primeiros registros dos alunos e alunas do grupo escolar “Senador Vergueiro”, onde podemos perceber que havia certa preocupação em destacar os alunos e alunas que tivessem nacionalidade ou fossem filhos de estrangeiros, quando o aluno ou aluna declarava nacionalidade estrangeira ou filho de estrangeiro isso era destacado na cor vermelha.

Nota-se também no livro de matrículas que a maioria dos alunos eram filhos de operários, denota que o objetivo da instalação do grupo escolar, alfabetizar os filhos dos operários, foi aceito pela classe operária, que matricularam seus filhos no grupo escolar “Senador Vergueiro”, o terceiro instalado na cidade de Sorocaba.

Figura 11 – Livro de matrículas do Grupo Escolar “Senador Vergueiro”.



Nota: Em destaque a nacionalidade das crianças quando espanhola escrevia-se em vermelho.
Fonte: Elaborado pelo autor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor esta pesquisa não tínhamos em mente às dificuldades que seriam impostas. Todo trabalho de pesquisa percorre alguns caminhos, sendo eles compostos por documentos, recortes de jornais, imagens, enfim temos que saber identificar nesses documentos os traços e as pegadas deixadas pela história.

O primeiro obstáculo para fazer uma pesquisa, quando a data de recorte ultrapassa as fronteiras de mais de meio século, é obter com fidelidade e sem interferências de julgamentos, o que os atores que compõem o objeto da pesquisa estavam realmente propondo, quando editaram leis, regulamentos e ditaram os rumos do ensino no estado de São Paulo.

O que se pode apurar quando da análise dos documentos e arquivos escolares é que nem sempre o que está redigido, expressa o real sentido dos dirigentes e redatores da época, precisamos para isso nos abstrair de qualquer julgamento e dos valores morais contemporâneos.

Ao analisar os Anuários do Ensino do Estado de São Paulo temos a nítida percepção de que o discurso era mais contundente que a prática, pois o ideário republicano era erradicar o analfabetismo e que se algumas ações fossem tomadas, esse mal em pouco tempo faria parte das memórias do passado, porém ao verificar a prática e as dificuldades que o estado teve ao implantar novos modelos de ensino, entendemos que o problema era bem maior do que dimensionavam os dirigentes da época.

O estudo dos fragmentos documentais encontrados, nos mostra que além das dificuldades financeiras para a implantação de escolas, sejam elas isoladas, reunidas ou grupos escolares, os governantes também enfrentavam a necessidade que os pais tinham em colocar seus filhos no mercado de trabalho, visto que o salário das crianças complementava o parco orçamento doméstico, concomitante a isto, vinha a ganância de alguns industriais que viam nos menores o elemento que além do lucro que proporcionavam, pois o salário das crianças era menor que o dos adultos, também eram mais fáceis de serem manipulados e ensejavam menos resistência e um menor perigo em se rebelarem, ante as condições insalubres do ambiente fabril.

Mesmo que o estado tivesse condições de instalar quantas escolas fossem necessárias, a erradicação do analfabetismo era algo de maior abrangência, mesmo tornando o ensino obrigatório dos 7 aos 14 anos, muitas crianças não frequentavam os bancos escolares, pois eram absorvidas pelas fábricas, era assim um problema social, um problema que transcendia a visão dos dirigentes da época.

O problema do analfabetismo perdurou por anos no Brasil, inúmeras tentativas foram elencadas no sentido de erradicar esse mal que atrapalhava o progresso da nação, os grupos escolares foram criados, para de forma econômica, porém eficaz, acabar com o analfabetismo no estado de São Paulo e perduraram até meados de 1970, quando a Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional criou o ensino de 1º e 2º graus, porém por muito tempo a denominação grupo escolar continuou a ser utilizada, persistindo na memória das gerações seguintes.

REFERÊNCIAS

ALEIXO IRMÃO, José. **A perseverança III e Sorocaba.** Vol.2: 1889-1930. Sorocaba, SP: Fundação Ubaldino do Amaral, 1994.

ALMEIDA, Aluísio. **História de Sorocaba**. Itu, SP: Ottoni Editora, 2012. 301 p.

_____. **Sorocaba**: 3 séculos de história. Itú, SP: Ottoni, 2002. 416 p.

_____. **História de Sorocaba para crianças**. Itú, SP: Ottoni, 2001. 118 p.

ARAÚJO NETO, Adalberto Coutinho de. **Sorocaba operária**: ensaio sobre o início do movimento operário em Sorocaba, 1897-1920. Sorocaba, SP: Crearte, 2005. 152 p.

BADDINI, Cássia Maria. **Sorocaba no império**: comércio e desenvolvimento urbano. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

BONADIO, Geraldo. **Sorocaba:** a cidade industrial (Espaço urbano e vida social sob o impacto da atividade fabril). Sorocaba, SP: do Autor, 2004. 300 p.

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. **Memória Operária**. Sorocaba, SP: Crearte, 2009. 273 p.

CARVALHO, Rogério Lopes Pinheiro de (Org.). **O Operário – edição fac-similar**. Sorocaba, SP: Creart, 2007. 580 p.

_____. **Fisionomia da cidade**: Sorocaba cotidiano e transformações urbanas – 1890 - 1943. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2010. 386 p.

SAVIANI, Demerval [et al.]. **O legado educacional do século XIX.** Campinas, SP: Autores Associados, 2006. 215 p.

FERREIRA, Valdelice Borghi. **O movimento operário e a educação na imprensa sorocabana na primeira república**. 2009. Programa de Pós-Graduação em Educação. Unimep, Piracicaba, SP 2009. Tese de Doutorado.

FRIOLI, Adolfo. **Sorocaba**: registros históricos e iconográficos. São Paulo: Laserprint, 2003. 135 p.

WERNECK, Braulio. **Almanach illustrado de Sorocaba, 1914**: repositório histórico, literário e recreativo, com ilustrações. Ed. Fac-similar. Taquarituba, SP: Juracy Tenor, 2006. 270 p.

SILVA, Maria Vieira da. **Almanach de Sorocaba para 1903.** Ed. Fac-similar. Taquarituba, SP: Nassib Stefano, 2007. 170 p.

_____. **Almanach de Sorocaba para 1904**. Ed. Fac-similar. Taquarituba, SP: Nassib Stefano, 2007. 170 p.

SILVA, Paulo Celso da. **De novelo de linha à Manchester Paulista**: fábrica têxtil e cotidiano no começo do século XX em Sorocaba. Sorocaba, SP: Projeto LINC, 2000. 120 p.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo : (1890-1910). São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1998. 302 p.

WOODCOCK, George. **Anarquismo**: uma história das ideias e movimento libertários – O movimento. Porto Alegre: L&PM Editores, 1984. v. 2. 213 p.

OLIVEIRA, Sérgio Coelho de. **Os espanhóis**. Sorocaba, SP: TCM, 2002. 176 p.

Jornais:

DR. CAMPOS Vergueiro. Cruzeiro do Sul, Sorocaba, SP. 25 de abril de 1919, p. 2. Disponível em: <http://memoria.cruzeirodosul.inf.br/AcervoDigital_WEB/AcervoPesquisa.jsf>. Acesso em: 30 out. 2013.

ENSINO obrigatorio. Cruzeiro do Sul, Sorocaba, SP. 25 de abril de 1919, p. 2. Disponível em: <http://memoria.cruzeirodosul.inf.br/AcervoDigital_WEB/AcervoPesquisa.jsf>. Acesso em: 30 out. 2013.

O NOSSO programa. Cruzeiro do Sul, Sorocaba, SP. 12 de JUNHO de 1903, p. 1. Disponível em: <http://memoria.cruzeirodosul.inf.br/AcervoDigital_WEB/AcervoPesquisa.jsf>. Acesso em: 30 out. 2013.

O OPERARIO. Cruzeiro do Sul, Sorocaba, SP. 20 de julho de 1909, p. 2. Disponível em: <http://memoria.cruzeirodosul.inf.br/AcervoDigital_WEB/AcervoPesquisa.jsf>. Acesso em: 20 out. 2013.

PINTO JUNIOR, Arnaldo. A invenção da "Manchester Paulista" : embates culturais em Sorocaba (1903-1914). Dissertação (Mestrado). Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000311541>. Acesso em 10 fev. 2014.

PROMOTORIA Publica. Cruzeiro do Sul, Sorocaba, SP. 19 de julho de 1905, p. 2. Disponível em: <http://memoria.cruzeirodosul.inf.br/AcervoDigital_WEB/AcervoPesquisa.jsf>. Acesso em: 20 out. 2013.

PROFESSOR Accácio de Camargo. Cruzeiro do Sul, Sorocaba, SP. 06 de mai de 1919, p. 2. Disponível em: <http://memoria.cruzeirodosul.inf.br/AcervoDigital_WEB/AcervoPesquisa.jsf>. Acesso em: 30 out. 2013.

SECÇÃO livre. Cruzeiro do Sul, Sorocaba, SP. 04 de novembro de 1903, p. 2. Disponível em: <http://memoria.cruzeirodosul.inf.br/AcervoDigital_WEB/AcervoPesquisa.jsf>. Acesso em: 20 out. 2013.

SOROCABA 350 anos: uma história ilustrada. Sorocaba, SP: Fundação Ubaldino do Amaral, 2004.

SANTOS, Bernardino. Declaração. Cruzeiro do Sul, Sorocaba, SP, 28 jul. 1909. P. 2. Disponível em: <http://memoria.cruzeirodosul.inf.br/AcervoDigital_WEB/AcervoPesquisa.jsf>. Acesso em: 30 out. 2013.

TENTATIVA de empastelamento – Arrombamento. Cruzeiro do Sul, Sorocaba, SP. 31 de outubro de 1903, p. 2. Disponível em: <http://memoria.cruzeirodosul.inf.br/AcervoDigital_WEB/AcervoPesquisa.jsf>. Acesso em: 20 out. 2013.

TERCEIRO Grupo Escolar. Cruzeiro do Sul, Sorocaba, SP. 25 de abril de 1919, p. 2. Disponível em: <http://memoria.cruzeirodosul.inf.br/AcervoDigital_WEB/AcervoPesquisa.jsf>. Acesso em: 30 out. 2013.

Artigos:

CARMO, Jefferson Carriello do. A formação da classe operária em Sorocaba e a luta pela educação no contexto da industrialização no início do século XX. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS: HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL, 7, 2006, Campinas, SP. Programas e resumos [do] VII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas: História, Sociedade e Educação. Disponível em: < http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario>. Acesso em: 20 fev. 2014.

FERREIRA, Valdelice Borghi. Disseminando saberes: o grupo escolar de um bairro operário. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7, 2013, Cuiaba, MT [Anais do] VII Congresso Brasileiro de História da Educação. São Paulo: SBHE, 2013. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/>. Acesso em: 05 fev. 2014.

Documentos on-line:

ANNUARIO do Ensino do Estado de São Paulo 1908. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/educacao/anuario.php>. Acesso em: 20 nov. 2013.

ANNUARIO do Ensino do Estado de São Paulo 1914. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/educacao/anuario.php>. Acesso em: 20 nov. 2013.

ANNUÁRIO do Ensino do Estado de São Paulo 1918. Disponível em: < http://www.arquivoestado.sp.gov.br/educacao/anuario.php>. Acesso em: 20 nov. 2013.

ANNUÁRIO do Ensino do Estado de São Paulo 1919. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/educacao/anuario.php>. Acesso em: 20 nov. 2013.

ANARQUISMO E ANARQUIA - Errico Malatesta. Disponível em: < http://www.anarquismo.com.br/livro-errico-malatesta-anarquismo-anarquia/#more-143>. Acesso em: 30 set. 2013.

ANARCO-Sindicalistas. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/o_que_e/anarco-sindicalismo.htm>. Acesso em: 30 set. 2013.

BRASIL. Lei de 15 de Outubro de 1827. Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM-15-10-1827.htm>. Acesso em: 30 set. 2013.

HISTÓRIA – Encilhamento: crise financeira e República. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2490:catid=28&Itemid=23>. Acesso em: 23 set. 2013.

LIVROS de Registro da Hospedaria de Imigrantes. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/livros_estrangeiros.php>. Acesso em: 03 out. 2013.

SÃO PAULO (Estado). LEI N. 1.579, DE 19 DE DEZEMBRO DE 1917. Estabelece diversas disposições sobre a instrucção publica do Estado. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1917/lei-1579-19.12.1917.html>. Acesso em: 04 out. 2013.

_____. LEI N. 88, DE 8 DE SETEMBRO DE1892. Reforma a instrucção publica do Estado. Disponível em: < http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1892/lei-88-08.09.1892.html>. Acesso em: 04 out. 2013.

_____. DECRETO N. 2.225, DE 16 DE ABRIL DE 1912. Manda observar a Consolidação das leis, decretos e decisões sobre o ensino primario e as escolas normaes. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1912/decreto-2225-16.04.1912.html>. Acesso em: 04 out. 2013.

SOROCABA e sua identidade tropeira. Disponível em: <http://www.cruzeirodosul.inf.br/materia/474557/sorocaba-e-sua-identidade-tropeira>. Acesso em : 23 set. 2013.

SIGNIFICADO de Socialismo. Disponível em: <http://www.significados.com.br/socialismo/>. Acesso em: 30 set. 2013.